

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MÔNICA MENDES GARCIA

**ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO
SEGUNDA LÍNGUA DURANTE A PANDEMIA COVID-19**

Jaguarão

2022

MÔNICA MENDES GARCIA

**ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO
SEGUNDA LÍNGUA DURANTE A PANDEMIA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português EaD da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Camila G. dos Santos do Canto

Jaguarão

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

G538e Garcia, Mônica Mendes
ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO
SEGUNDA LÍNGUA DURANTE A PANDEMIA COVID-19 / Mônica Mendes
Garcia.
54 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2022.

"Orientação: Camila G. dos Santos do Canto".

1. Português para surdos. 2. Bilinguismo. 3. Tecnologias.
4. Ensino remoto.. I. Título.

MÔNICA MENDES GARCIA

**ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO
SEGUNDA LÍNGUA DURANTE A PANDEMIA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras –
Português EaD da Universidade Federal
do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em
Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 7 de março de 2022.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Camila G. dos Santos do Canto
Orientador
(UNIPAMPA)

Prof^a. Dr^a. Cláudia Camerini Corrêa Pérez
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Denise Aparecida Moser
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **CAMILA GONCALVES DOS SANTOS DO CANTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/03/2022, às 10:36, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **DENISE APARECIDA MOSER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/03/2022, às 10:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CLAUDIA CAMERINI CORREA PEREZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/03/2022, às 14:22, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0750175** e o código CRC **713D93A8**.

Dedico este trabalho ao meu filho Gabriel Antônio, a minha Mãe Vera Regina Garcia (in memoriam) e a minha Orientadora Camila do Canto por serem meus grandes inspiradores na minha caminhada.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a meu filho Gabriel Antônio por ser meu grande inspirador e companheiro de lutas.

A minha mãe Vera Regina (in memórian), uma mulher forte e batalhadora que me inspira na minha trajetória de vida.

A minha orientadora Camila do Canto pelas palavras de estímulo, pela forma empática e tranquila como conduziu as orientações e pelas trocas.

Ao meu namorado Cristiano Stocker pelo apoio e pelas palavras de afeto que me acalentaram nos momentos mais complicados.

A todos os professores da UNIPAMPA EAD que me auxiliaram nesta trajetória.

A todos os colegas pelos momentos de trocas compartilhados ao longo destes anos acadêmicos.

Deixo aqui um agradecimento a Deus, pela vida e por me conduzir nesta jornada.

Um agradecimento especial as mães que Deus me deu Regina Maffei Pistoletti e Suzana Souza, não somos unidas pelo sangue, mas com certeza pelo coração.

Um agradecimento especial as mulheres que tenho grande admiração e que me inspiram pela garra e coragem: Elizabeth Strelow de Castro, Eveline Silva, Juliana Sanches, Crisiane Soares, Raquel Riller, Simone Prior Prietsch e Tatiane Marques de Oliveira.

Agradeço também ao amigo de longa jornada Samir dos Santos pelo carinho e companheirismo que com toda certeza fizeram a diferença nesta caminhada.

A comunidade surda que me motivou a buscar mais conhecimentos nesta área acadêmica.

“A maior recompensa para o trabalho do homem não é o que ele ganha com isso, mas o que ele se torna com isso”.

John Ruskin

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo sobre as práticas docentes realizadas com alunos surdos por uma professora de português do nono ano em uma escola bilíngue na cidade de Pelotas no período de ensino remoto. Esta pesquisa, de cunho qualitativo, tem por objetivo verificar, a partir do olhar docente, as diferentes estratégias utilizadas pela professora de nono ano, de ensino de língua portuguesa para surdos durante o período pandêmico, identificando suas potencialidades ou não no ensino remoto, bem como o uso das ferramentas tecnológicas. Os resultados aqui apresentados foram discutidos através dos conceitos trazidos por Moran (2022), Rosário (2020), Skliar (2017) e Lebedeff (2010). Para a aplicação desta pesquisa foi realizada uma entrevista semiestruturada, realizada com uma professora de português da escola de surdos da cidade de Pelotas no contexto de pandemia da Covid-19. Os resultados apontam que as metodologias e ferramentas digitais utilizadas pela professora neste período remoto, eram antes utilizadas somente para outras produções, sendo elas ferramentas que todos nós já tínhamos acesso, porém seu uso no meio escolar, de forma pedagógica, não se fazia tão presente, sendo a maioria de grande potencial para o ensino do português como segunda língua. Outra questão identificada foi o uso da visualidade na produção de materiais, na qual demonstrou o olhar atento da professora sobre a cultura na qual está envolvida. Identificamos, ainda, uma lacuna a ser explorada, pois existe carência de produção de materiais para o ensino de português com segunda língua para os surdos, fazendo com que a professora tenha que procurar recursos em outros materiais para adaptação e elaboração educacional para surdos.

Palavras-Chave: Português para surdos. Bilinguismo. Tecnologias. Ensino remoto.

RESUMEN

Este trabajo presenta un estudio sobre las prácticas docentes realizadas con estudiantes sordos por un profesor de portugués de noveno año en un colegio bilingüe de la ciudad de Pelotas en el periodo de enseñanza a distancia. Esta investigación cualitativa tiene como objetivo verificar, desde el punto de vista del profesor, las diferentes estrategias utilizadas por el profesor de noveno grado de enseñanza de la lengua portuguesa para sordos durante el período de pandemia, identificando sus potencialidades o no en la enseñanza a distancia, así como el uso de herramientas tecnológicas. Los resultados aquí presentados fueron discutidos a través de los conceptos aportados por Moran (2022), Rosario (2020), Skliar (2017) y Lebedeff (2010). Para la aplicación de esta investigación, se realizó una entrevista semiestructurada a un profesor de portugués de la escuela de sordos de la ciudad de Pelotas en el contexto de una pandemia en Covid-19. Los resultados indican que las metodologías y herramientas digitales utilizadas por el profesor en este periodo remoto se utilizaban anteriormente solo para otras producciones, siendo ellas herramientas a las que todos ya teníamos acceso, pero su uso en el entorno escolar, de manera pedagógica, no estaba tan presente, siendo la mayoría de gran potencial para la enseñanza del portugués como segunda lengua. Otro tema identificado fue el uso de la visualidad en la producción de materiales, en el que demostró la mirada atenta de la docente sobre la cultura en la que está involucrada. También identificamos una brecha a explorar, porque hay una falta de producción de materiales para la enseñanza del portugués con un segundo idioma para sordos, lo que hace que el maestro tenga que buscar recursos en otros materiales para la adaptación y elaboración educativa para sordos.

Palabras clave: Portugués a Sordo. Bilingüismo. Tecnologías. Enseñanza a distancia.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais acontecimentos da educação dos surdos	20
Quadro 2 – Principais leis que dão garantia e acessibilidade aos surdos:	21
Quadro 3 - Quadro-síntese com os dados encontrados nesta pesquisa.....	42

LISTA DE ABREVIATURAS

n. – número

p. – página

f. – folha

cap. – capítulo

v. – volume

org. – organizador

coord. – coordenador

col. – colaborador

LISTA DE SIGLAS

TDICs- Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais

UFPEL- Universidade Federal de Pelotas

FENEIDA- Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos

FENEIS- Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CIEE- Centro de Integração Empresa e Escola

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA.....	18
2.1	TRAJETÓRIA DOS SURDOS NA EDUCAÇÃO ATÉ O BILINGUISMO	18
2.1.1	Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo	18
2.1.2	Legislação e Políticas públicas sobre a Educação para Surdos.....	20
2.1.3	O ensino do Português como segunda Língua para Surdos	25
2.2	TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDICs)	26
2.2.1	TDICs na educação de surdos	29
2.2.2	TDICs, pandemia COVID-19 e ensino remoto	31
3	METODOLOGIA	32
3.1	Contexto de pesquisa	32
3.1.1	Apresentação do instrumento de coleta de dados	33
3.2	Sujeitos da pesquisa.....	34
4	ANÁLISE e DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	34
4.1	Metodologias utilizadas pela Professora.....	34
4.2	Desafios durante o ensino remoto.....	36
4.3	Potencialidades do ensino remoto.....	38
4.4	Ferramentas Digitais.....	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	45
	APÊNDICES.....	47

1 INTRODUÇÃO

As lutas e conquistas da comunidade surda tem perpassado gerações e mudanças que influenciam diretamente a vida do povo surdo. Com o passar dos anos surgiram diferentes conceitos influenciados pelo pensamento da época. Uma das primeiras vertentes a serem discutidas e que influenciou a trajetória da comunidade surda foi o oralismo. Esse método utilizado durante anos com a comunidade surda, traz marcas de uma sociedade que tinha como objetivo a normatização dos surdos, uma visão clínica, pautada na deficiência, que tinha como foco trazer o surdo para o normal aceitável pela sociedade da época.

Durante anos os surdos tentaram se adaptar para que a sociedade os aceitasse e embora o oralismo traga marcas negativas na educação dos surdos, esse método contribui para as discussões em torno das metodologias que melhor atendem à demanda dessa comunidade. Com o passar dos anos a comunidade surda ganhou o reconhecimento e o direito de se expressar e aprender através de sua língua, a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Hoje a Língua de Sinais está mais presente na sociedade, pois a comunidade conseguiu a visibilidade que precisava para que seus direitos fossem melhor garantidos. Embora já se tenham leis e decretos que garantam a acessibilidade dos surdos nos diferentes espaços, a prática ainda carece de qualificações profissionais para que o acesso e permanência dos surdos sejam efetivadas.

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDICs, auxiliam diretamente nas lutas desse povo, pois a medida que os surdos tiveram acesso a esses meios de comunicação, proporcionou também outras formas de expressão, reivindicação e acesso a informações que antes eram acessadas somente pela comunidade ouvinte. Goettert (2019, p.126) relata que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação tem adentrado gradativamente na vida dos surdos, cujo o impacto, além de cultural, é também pedagógico”.

A utilização dessas ferramentas digitais tem facilitado a vida social e escolar da comunidade surda, principalmente neste momento pandêmico, onde o uso da internet caracteriza-se com mais frequência, comparado ao momento anterior a covid-19.

Nesse sentido, o presente trabalho surge a partir do meu envolvimento com a comunidade Surda, e a partir da percepção do crescimento das formas

comunicacionais na área tecnológica. Sou tradutora e intérprete de Libras (TILS) na UFPel e militante dos movimentos surdos, além de graduanda no curso de Letras na UNIPAMPA. Como resultado dessas experiências, originou-se a ideia de pesquisar sobre como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) têm acarretado mudanças metodológicas na área da educação, principalmente no que tange o ensino e a aprendizagem do português como segunda língua - L2 para os sujeitos surdos.

Outro ponto a ser investigado é o contexto pandêmico COVID-19, o qual torna ainda mais evidente esta necessidade de superação, adaptação e reinvenção. Visto que, conduz os educadores a se redescobrir incorporando em suas metodologias novas formas de linguagem e interação para o desenvolvimento de suas aulas. Conforme Valentini (2017), a história da humanidade é marcada por dificuldades e superações. Cada geração terá seus desafios e, para tanto, a necessidade de mudar e se adaptar à nova realidade.

Além do exposto, salienta-se que o momento atual direciona a educação ao encontro das tecnologias e sua integração na educação, levando a escola a se adaptar as novas práticas de ensino em que as tecnologias se tornaram ferramentas primordiais para a continuidade dos processos de construção do saber. Valentini (2017) salienta que quando consideramos a possibilidade de uso dos recursos computacionais e tecnológicos, surgem novas maneiras de estabelecermos relações com os problemas que aparecem no cotidiano. Cabe ao educador examinar, caracterizar as mudanças e analisar seus impactos no processo de ensinar e aprender a partir dos recursos tecnológicos.

Todavia, ainda que muito presente no cotidiano, desde as interações pessoais até as interações profissionais, a tecnologia não figurava com tanta intensidade como ferramenta pedagógica. Na verdade, antes deste momento pandêmico, as práticas pedagógicas não eram focadas no uso das tecnologias digitais porque ocorriam na área escolar, envolvendo a utilização de métodos tradicionais de ensino (sala de aula, quadro), tendo as tecnologias digitais seu uso de forma mais esporádica. Zanella e Lima (2017) pontuam que com a evolução da tecnologia e da sociedade, surgiram novas formas de aprender. Os alunos nesse período, da covid-19, estão cercados por diferentes artefatos digitais e fazem uso de diversos tipos de ferramentas para

produzir conteúdos de áudio, vídeo e multimídia, assim como os professores, que apesar de ter acesso às ferramentas tecnológicas, estas, não eram usadas com tanta frequência.

As estratégias metodológicas utilizadas para o ensino a distância para os surdos, trouxe a mim, a inquietação de compreender como estavam sendo conduzidas, visto que, existe um isolamento social necessário, por conta da covid-19 e também a emergência de práticas na leitura digital.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral verificar, a partir do olhar docente, as diferentes estratégias aplicadas pela professora de nono ano, de ensino de língua portuguesa para surdos durante o período pandêmico, identificando suas potencialidades ou não no ensino remoto, bem como a integração das ferramentas tecnológicas. Este trabalho vê-se necessário a partir da urgência do uso destas ferramentas, uma vez que, no momento atual há impossibilidade do contato social de forma presencial, fazendo com que a tecnologia ocupe um papel importante na área educacional. No que tange aos objetivos específicos pretende-se identificar quais foram as metodologias de ensino empregadas pela professora bilíngue utilizadas durante o ensino remoto; discutir a partir do olhar de uma professora de nono ano as metodologias e desafios utilizados no ensino remoto para surdos em uma escola bilíngue na cidade de Pelotas; verificar as potencialidades do ensino remoto para surdos e, por fim, identificar as ferramentas tecnológicas utilizadas para o ensino do Português como segunda língua.

A metodologia aplicada para esta análise foi uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, contextualizando os sujeitos envolvidos e tendo a entrevista como instrumento de coleta de dados.

Após descrever as considerações introdutórias, que apresentaram o objetivo do trabalho, os motivos e justificativas da pesquisa, busco aqui esboçar o que será tratado em cada seção.

No primeiro capítulo da pesquisa, farei uma retrospectiva sobre a trajetória dos surdos na educação, abordando sua trajetória desde o oralismo, perpassando a comunicação total até a concepção utilizada no momento, o bilinguismo. Neste capítulo, serão abordados temas como legislação, a visualidade e o ensino do Português com segunda língua para Surdos. Ademais, trago as Tecnologias digitais

de informação e comunicação (TDICs) e sua integração no meio educacional, fazendo uma abordagem inclinada para TDICs na educação de Surdos e o aumento do uso destas ferramentas decorrente do momento atual da covid-19.

No segundo capítulo, apresento a metodologia que se dará inicialmente na apresentação do contexto da pesquisa, apresentação do instrumento de pesquisa e procedimentos de coleta de dados.

No terceiro capítulo trago a apresentação de análise de dados que se dará inicialmente na apresentação do contexto da pesquisa, apresentação do instrumento de pesquisa e procedimentos de coleta de dados. E, finalmente, chegaremos nas considerações finais com o objetivo de alinhar os achados de pesquisa com os objetivos da mesma.

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A TRAJETÓRIA DOS SURDOS NA EDUCAÇÃO ATÉ O BILINGUISTO

2.1.1 Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo

É possível observar na história da trajetória dos Surdos na educação suas lutas e evoluções, estas, atravessaram vários movimentos em torno da forma como os Surdos deveriam ser educados. O período moderno trouxe marcantes discussões que influenciaram a forma como a sociedade percebia o sujeito surdo, dentre elas a forma como os surdos aprendiam e deveriam ser educados. As linhas de pensamentos discutidas neste período foram: o Oralismo, a Comunicação total e o Bilinguismo.

O Oralismo carregava em si a filosofia clínica onde o Surdo deveria se adaptar para chegar o mais perto possível da dita normalidade e tinha como principal objetivo a oralização, pois acreditava-se que a linguagem só poderia se desenvolver a partir da fala. Essa visão trouxe à comunidade surda várias perdas, anulando-os do convívio social. Esta visão nada contribuiu para a inserção dos surdos no mercado de trabalho e na sociedade vigente, mas contribuiu nas discussões acerca dos acontecimentos que marcaram a trajetória desta comunidade em questão. Rosário (2020, p. 39) ressalta que “O fracasso educacional do surdo, por exemplo, foi/ é carregado de uma imagem preconcebida, não aprende porque não sabe falar. ” Neste período as primeiras tentativas de educar os surdos, conforme Amorim; Medeiros; Sampaio e Silva (2017, p.13 apud ROSÁRIO, 2020, p. 40) “como uma espécie de depósito que aprovava sem transmitir ou mediar nenhum tipo de conhecimento com a qualidade necessária”. Nessa perspectiva percebemos que até este período os surdos não tinham uma

educação que se identificasse com sua cultura e língua, focando somente na normatização do sujeito para que fosse aceito na sociedade.

Outro marco importante neste período foi o II Congresso Internacional sobre Instrução de surdos em 1880, em Milão, na Itália. Neste contexto foi discutido os métodos que mais se adequavam para a educabilidade dos surdos, havendo uma votação na qual ficou decidido a proibição da língua de sinais nas escolas. Ainda nesta linha de pensamento oralista, Fernandes (2005 apud Rosário 2020, p. 45 e 46) apontam que:

No congresso de Milão muitos estudiosos eram a favor do oralismo e decidiram usar esse método durante um ano, mas caso não resultasse em nada, os surdos poderiam ser ensinados na linguagem gestual. Esse método consistia na reprodução dos sons da fala, por exemplo, o professor falava e o aluno tinha que reproduzir, se o aluno reproduzisse mesmo apenas balbuciando eles recebiam uma recompensa como balas, biscoitos e frutas. A maioria dos surdos que foram educados através deste método de ensino é considerado surdo oralizado (p. 24).

No Brasil, tem-se registro da educação dos surdos no século XVIII, através de um convite de Dom Pedro II, o Professor Surdo Hernest Huet veio para o Brasil para fundar a primeira escola de surdos no Brasil chamada de Imperial Instituto dos Surdos Mudos -IISM. Assim, a comunidade surda deu um grande passo na área da educação no Brasil, neste instituto os surdos eram educados através da língua gestual. Nos anos 70, o conceito de Comunicação Total foi trazido para o Brasil através da Educadora de Surdos da Universidade de Gallaudet, em Washington, Estados Unidos. Essa proposta tinha como finalidade que a pessoa surda pudesse se comunicar de forma livre, ou seja, poderia utilizar da língua gestual, oralização, escrita ou da forma que melhor a servisse. Já nos anos 80 através dos estudos realizados pelas professoras Lucinda Ferreira Brito, sobre a Língua Brasileira de Sinais e as pesquisas realizadas pela Professora Eulália Fernandes, sobre a educação de surdos, adveio então o conceito de Bilinguismo.

O conceito de Bilinguismo traz a ideia de uma educação cuja a modalidade de ensino leva em consideração a Língua Brasileira de Sinais - Libras, como a primeira língua da comunidade surda e o português como segunda língua, não desconsiderando qualquer tipo de forma de se expressar. Em relação a isso, Kubaski; Moraes (2009) diz que:

“A proposta bilíngue traz uma grande contribuição para o desenvolvimento da criança surda, reconhecendo a língua de sinais como primeira língua e

mediadora da segunda: a língua portuguesa. O bilinguismo favorece o desenvolvimento cognitivo e a ampliação do vocabulário da criança surda”.

O bilinguismo atualmente é o modelo utilizado nas escolas de surdos para o ensino, sendo a Libras língua majoritária, e o português como suporte para o desenvolvimento cognitivo e linguístico. Nesse sentido o bilinguismo surge com características marcantes como a do reconhecimento da diversidade linguística trazendo ganhos significativos no que diz respeito à educação dos surdos.

Agora que já percorremos os conceitos que deram base ao ensino e aprendizagem dos surdos na linha histórica do tempo, trataremos a seguir sobre as políticas que embasam e embasaram este cenário.

2.1.2 Legislação e Políticas públicas sobre a Educação para Surdos

No que diz respeito às políticas públicas na educação dos surdos, tentarei aqui, seguindo uma linha cronológica trazer as principais leis que deram suporte na trajetória dos surdos na área educacional.

A trajetória dos surdos na educação é marcada por lutas e conquistas, estas, se fortalecem à medida que leis de políticas públicas reconhecem a língua e a diferença dessa comunidade. Com relação a isso, abordarei neste capítulo as lutas e as políticas que deram sustentação às conquistas dos surdos no que diz respeito à inclusão e reconhecimento linguístico.

As lutas por um ensino que melhor se adequassem a comunidade surda marcam a caminhada deste povo em questão, o oralismo traz uma realidade que não se afina com a comunidade surda, contudo ela nos traz discussões pertinentes a forma de educar os surdos e sobre qual educação os surdos conseguem se reconhecer.

Descreverei a seguir leis que embasam a inclusão e acessibilidade em geral. Esse projeto não tem como objetivo avaliar as classes inclusivas, mas sim, trazer um recorte dos acontecimentos políticos que asseguram os direitos dos surdos na comunidade escolar e social.

Os primeiros movimentos em que se tem registro, no Brasil, na área da educação dos surdos, conforme Rosário (2020, p.49 apud ROSA; CRUZ, 2001), seguem o seguinte percurso:

Quadro 1: Principais acontecimentos da educação dos surdos.

ANO	DEFINIÇÃO
1977	Fundada a FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos), cujos participantes, na época, eram apenas pessoas ouvintes.
1981	Início das pesquisas sobre a Língua de Sinais.
1987	Criada a Associação Brasileira dos Surdos, cuja finalidade é lutar pelos direitos dos surdos.
1987	A FENEIDA passa a se chamar FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos).
1987	O ensino da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) passa a ser exigido pelos surdos.
1987	Os surdos passam a ser responsáveis pela sua Instituição e por suas decisões.
1991	Reconhecimento oficial da LIBRAS pelo Governo do Estado de Minas Gerais (Lei nº 10.397, de 10/01/91).
1999	Instaladas telessalas, com o Telecurso 2000 legendado.
2000	Disponibilizado o serviço de closed caption em alguns programas de televisão.

Fonte: (Adaptado de ROSÁRIO, 2020)

A criação de instituições que representassem os anseios da comunidade surda fomentou ainda mais o movimento pela inclusão e as discussões na área do ensino que melhor atendesse a comunidade em questão. Os surdos começam a ter espaço e reivindicar pelo reconhecimento da língua de sinais e melhores condições de ensino, de comunicação nos meios televisivos e sociais, e o direito a acessibilidade que os assegurassem no meio escolar e social.

As associações, clubes e espaços de convivência surda são locais que legitimam a interação cultural e linguística através do uso da Língua de Sinais – Libras. (ROSÁRIO 2020, p. 57 apud FENEIS, 1995 a, p.10). Com isso, podemos afirmar que estes espaços são importantes para que estes sujeitos se reconheçam enquanto um grupo que tem suas especificidades culturais, identitárias e o uso da língua de sinais, que nestes espaços se fazem presentes o tempo todo, dando ao surdo o contato não somente com seus pares, mas com trocas de informações e de experiências que os auxiliam na sua formação cidadã.

Conforme Rosário (2020, p. 57) os movimentos objetivam mudanças intencionais, estas devem atender interesses dessa comunidade específica, nesse caso, os surdos, objetivando a construção de identidade para a luta e conservação de seus interesses.

Esses movimentos de criação de instituições onde os surdos tivessem voz e representatividade, deram visibilidade a comunidade surda, oportunizando a concretização de políticas, reconhecendo assim a cultura e identidade da comunidade surda. Para tanto, segue abaixo quadro de políticas públicas que tiveram influência pelos movimentos a favor da inclusão e reconhecimento dos surdos.

Quadro 2: Principais leis de políticas públicas que dão garantia e acessibilidade a comunidade surda:

ANO	DEFINIÇÃO
1988	Constituição Brasileira de 1988. Assegurado direitos como acesso à saúde, educação, trabalho e moradia.
1994	Declaração de Salamanca (1994). Prevê uma educação inclusiva, onde todas as crianças possam aprender juntas, independentemente da sua condição física, intelectuais, sociais, raciais, linguísticas ou outras.
1996	Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB 9394/96). Esta legislação que define e regulamenta o sistema educacional brasileiro, seja ele público ou privado. Esta legislação foi criada com base nos princípios presentes na Constituição Federal, que reafirma o direito à educação desde a educação básica até o ensino superior.
1999	DECRETO 3.298/99, 20 DE DEZEMBRO DE 1999. Regulamenta a lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a política nacional para integração da pessoa portadora de deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências.
2000	Lei 10.098/00, 19 DE DEZEMBRO DE 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
2001	DECRETO Nº 3.956, DE 8 DE OUTUBRO DE 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência.
2002	A Libras (Língua Brasileira de Sinais) é reconhecida como meio de comunicação da comunidade surda (Lei n.º 10.436/2002).
2005	Decreto 5.626/2005 Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
2010	LEI Nº 12.319, DE 1º DE SETEMBRO DE 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - Libras.
2021	LEI Nº 14.191, DE 3 DE AGOSTO DE 2021. Esta Lei insere a Educação Bilíngue de Surdos na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9.394, de 1996) como uma modalidade de ensino independente — antes incluída como parte da educação especial.

Fonte: (Elaboração própria).

No segundo quadro disponho de forma cronológica as leis e decretos que ao longo dos tempos garantiram a acessibilidade e oportunidades sociais para os surdos.

Dentre os documentos criados, a Declaração de Salamanca se destaca por trazer peculiaridades em torno da educação inclusiva em 1994. Em suma o documento traz especificações sobre como deve se dar a inclusão, prevendo uma educação onde todos possam aprender juntos e no caso dos surdos, a educação deve se dar através da Língua Brasileira de Sinais. Esse documento abriu portas para a acessibilidade e inclusão dos surdos no ensino regular prevendo um ambiente adequado à igualdade de oportunidades, entretanto, apesar de esclarecedor e de servir como base para um novo modelo de educação a luta pelo reconhecimento linguístico e de uma educação que os identificasse continuava.

Apesar do documento acima trazer melhores condições nas adaptações para recepcionar o aluno com deficiência ainda existia e existe em algumas escolas obstáculos que impediam a entrada e permanência desses alunos no ensino regular, pois, algumas dessas barreiras faziam com que os alunos ficassem isolados não conseguindo desfrutar dos momentos escolares assim como outras crianças. Essas questões faziam com que as crianças acabassem segregadas em escolas especiais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LBDN 9394/96 especifica que quando houver necessidade o aluno terá apoio especializado, na escola regular. Esta afirmação pressupõe que escola e professores já estariam preparados para receber o aluno surdo contornando situações que impeçam seu desenvolvimento em um todo.

Para um melhor esclarecimento sobre as normas de promoção à pessoa surda a Lei 10.098/00 estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção de acessibilidade, diminuindo barreiras no que diz respeito a mobilidade e comunicação.

A partir deste momento as escolas inclusivas começam a fazer adaptações curriculares e arquitetônicas para receber as pessoas com deficiência. Sobre o convívio, está previsto na Convenção de Guatemala (2001), no decreto 3.956, que especifica e da providencias a garantia do tratamento igualitário e repudia qualquer ato que impeça ou exclua pessoa com deficiência do seu gozo de liberdade e de seus direitos humanos.

No caso de alunos surdos, o correto seria em classes inclusivas a permanência de Tradutores e Intérprete de Libras, sendo esse o apoio especializado, caso o professor não seja bilíngue, neste caso, falante de Português e Língua Brasileira de Sinais - Libras. Ainda que amparado por lei percebemos que na prática ainda encontramos essa dificuldade, e por momentos os surdos são induzidos ao

segregacionismo, direcionando-os a escolas especiais ou apenas a algumas escolas que tem este profissional disponível.

A lei de reconhecimento da Língua de Sinais - Libras como meio de comunicação da comunidade surda e a Lei 12.3149/10 que reconhece o profissional Tradutor e Intérprete de Libras, dão suporte para que os surdos tenham assegurados o direito de acesso e permanência e ainda que estejamos longe de uma educação efetivamente sólida na prática, já percebemos uma mudança no conceito de educação para os surdos, nos direcionando para a educação que melhor se identifica com esta comunidade, o bilinguismo. A pouco tempo foi aprovada a Lei 14.191/2021, esta lei insere a Educação Bilíngue de Surdos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9.394, de 1996) como uma modalidade de ensino independente, ou seja, deixa de ser incluída como parte do atendimento especial para se tornar uma modalidade de ensino.

Ainda que possamos observar um avanço na área educacional, infelizmente a realidade educacional ainda não comporta na formação docente qualificações que formem profissionais aptos ao ensino e aprendizagem para esta comunidade, carecendo assim de profissionais bilíngues para atuação.

Em conformidade com o que foi dito, Rosário (2020, p. 63) ressalta que alguns docentes não sabem Libras, e por momentos as aulas são realizadas até mesmo por intérpretes. Embora os cursos de licenciatura tenham em sua grade curricular a disciplina de Libras, com a carga horária de 40h/a ou, máximo 60h/a, ainda é pouco para que estes profissionais consigam adquirir um mínimo de proficiência para melhores resultados e para tanto, vê-se a necessidade de uma formação específica e continuada para qualificar o ensino.

É notório que os movimentos sociais e as implementações de leis/decretos trazem mudanças e recuperação de anos de realidades educativas contrárias a cultura e aos anseios da comunidade surda. Sobre isso Rosário (2020) afirma que “A luta dos movimentos se baseava em um ideal, que mudasse a realidade e atendesse os anseios desses sujeitos, construindo sua identidade para a luta e conservação de seus interesses” (ROSÁRIO, 2020, p. 57).

Desta forma, a legitimação, reconhecimento da comunidade surda e a garantia de direitos tem relação direta com as políticas públicas que garantem acesso e permanência nas instituições de ensino. As leis embora sirvam de base para tal garantia, é necessário que as instituições se comprometam e hajam com bom senso,

qualificando assim o ensino e reconhecendo a trajetória de lutas para que os surdos percorreram para chegar até uma educação que os reconhecesse. No próximo tópico tratarei sobre alguns elementos acerca do ensino e aprendizagem do português como segunda língua.

2.1.3 O ensino de Português como Segunda Língua para Surdos

Os surdos obtiveram direitos na área educacional, participando da sala de aula regular, e apesar de ainda haver entraves que dificultem sua permanência, a educação hoje nos guia para o conceito do bilinguismo, onde a primeira língua dos surdos é a língua de Sinais e a segunda o português, preferencialmente na modalidade escrita. Sendo assim, trataremos aqui das singularidades que permeiam o ensino do português como segunda língua.

O ensino do português como segunda língua é um desafio, pois ainda não existe métodos ou regras e até mesmo materiais didáticos prontos para esta prática, por isso, demanda de esforço e muita dedicação do profissional envolvido. Para tanto, neste meio é importante que cada profissional compreenda o seu papel no meio escolar e principalmente em sala de aula, para que ambos consigam desenvolver em conjunto os seus trabalhos, neste caso, professor e intérprete. Caso não haja tradutor intérprete de Libras, é necessário que o profissional seja bilíngue, isto é, o professor deve ter domínio das duas línguas as quais irá trabalhar. Partindo do pressuposto, do domínio, o professor conseguirá a proximidade necessária para no primeiro momento efetivar a inclusão.

O domínio da Libras no terreno de ensino da língua Portuguesa é de extrema importância, pois é a partir deste domínio que começaram as adaptações para o mesmo. A escrita dos surdos muitas vezes apresenta irregularidades que podem ser corrigidas e minimizadas, pois o professor que domina a Libras, conseguirá perceber que muitas destas irregularidades estão ligadas a estruturação da língua materna, a Libras, e por isso aparecem com tanta frequência.

Em relação a isso, Rosário (2020, p.73) expõe que:

No português falado e escrito os ouvintes usam uma determinada estrutura morfo-sintático-semântica. Esta relação não é a mesma instituída entre a língua de sinais e a língua escrita, já que na língua de sinais as palavras não

se estabelecem por meio das configurações das mãos que se movimentam em um determinado espaço e se estabelecem de forma simultânea e não linear. (ROSÁRIO, 2020, p. 73)

Ainda sobre o ensino de Língua portuguesa como segunda língua, devemos atentar as discussões que permeiam o ensino e aprendizagem dos surdos, pois muito se tem discutido, recentemente, acerca da visualidade do sujeito surdo, Lebedeff (2010 p. 176 apud Skliar 2001) diz que essa caracterização muitas vezes se restringe a capacidade cognitiva ou linguística de produção e compreensão em língua de sinais. Para o autor as características que os constituem como sujeitos visuais vão bem mais além que a produção e compreensão na sua língua materna, a Libras, tendo outras particularidades que compõem estes aspectos. Sobre isso, Lebedeff (2010 p. 176) relata que:

“.. a experiência visual dos surdos envolve, para além das questões linguísticas, todo o tipo de significações comunitárias e culturais, exemplificando: os surdos utilizam apelidos ou nomes visuais; metáforas visuais; imagens visuais, humor visual; definição das marcas do tempo a partir de figuras visuais, entre tantas outras formas de significações”.

Nesse sentido, temos a surdez como especificidades de um grupo em questão, os surdos e a surdez resinificadas aqui como experiência visual que exprime a produção de uma cultura através da Libras e que não advém dos sons. Em vista disso, podemos inferir que a modalidade de ensino que mais se afina com cultura e especificidades da comunidade surda são metodologias que favoreçam a aprendizagem através das experiências visuais.

Ainda que não se tenha uma regra para o ensino da língua portuguesa como segunda língua para os surdos, com base nos estudos e pesquisas realizados ao longo dos anos, já se consegue qualificar o ensino de forma que mais converse com a cultura surda, pois de acordo com Rosário (2020) o domínio da língua portuguesa é um desafio necessário para os surdos, pois ela os dará um melhor suporte para o convívio e alcance aos conhecimentos da sociedade e cultura em que se está inserido. A inclusão é um desafio para todos, e as vezes só precisamos de bom senso e boa vontade para fazer a diferença.

2.2 Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na educação

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDICs cada dia mais se fazem presentes em nossas atividades diárias facilitando e agilizando tarefas que

antes exigiam bem mais tempo de espera. Na educação as tecnologias cada vez mais se fazem presentes, transformando nossas formas de se relacionar, comunicar, os métodos de ensino e de aprendizagem. A incorporação dessas ferramentas no meio educacional auxilia os professores em suas práticas, uma vez que, os alunos chegam na escola com uma bagagem de estímulos que se torna um desafio para os professores promoverem o ensino de forma atrativa e dessa forma o uso dos TDICs auxilia a despertar o interesse dos alunos, ao mesmo tempo que qualifica o ensino.

Sobre a importância do uso dessas ferramentas no ambiente escolar, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, traz especificações acerca das competências e habilidades a serem desenvolvidas de forma responsável e crítica de forma transversal e direcionada, tendo como objetivo o uso dessas tecnologias digitais, recursos e linguagens digitais.

Conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, os eixos perpassam as seguintes etapas da educação básica: Cultura digital, tecnologia digital e pensamento computacional.

A Cultura digital, conforme a BNCC, temos as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDICs e as Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC, essas são compreendidas a partir do uso de equipamentos, programas e mídias englobando o sistema operacional, a internet e redes.

Tecnologia digital ou Letramento digital, seu foco tem um viés mais amplo que vai desde o uso até o tratamento crítico e reflexivo sobre os conteúdos que circulam neste meio digital.

Pensamento computacional esse item se dá pelo desenvolvimento de trabalho que envolva programação de computadores, robótica, narrativas digitais, maker e pensamento científico.

Estas etapas nortearam os professores no desenvolvimento de competências de exploração e uso das tecnologias no meio escolar, além de propor uma reflexão sobre o uso das tecnologias neste meio escolar, sendo que o foco não deve ser somente na integração destas ferramentas, mas também a forma de uso dessas

ferramentas desenvolvendo na prática a reflexão do uso destas tecnologias de forma responsável e crítica.

Dessa forma, pensando na perspectiva da educação inclusiva, os TDICs se tornam ferramentas de grande valor para os profissionais e alunos, pois, através deles os professores conseguem dinamizar os conhecimentos ofertando diferentes modalidades de ensino, diversificando as formas de ensinar nas diferentes linhas dos saberes. Contudo, os educadores necessitam se empoderar das formas digitais de ofertar esse conhecimento. Quando digo empoderar, me refiro a apropriação dos usos tecnológicos de forma a aumentar suas potencialidades no ensino. O uso de computadores e meios digitais na educação não significa esse apropriação, pois, o uso dessas tecnologias com métodos tradicionais, funciona tanto quando com um quadro com giz, necessitando que os profissionais se reinventem pedagogicamente de forma que os saberes, as práticas em sala de aula tenham relação com a vida do aluno. Sobre isso, Moran (2000) diz que o papel do professor como protagonista do ensino está se modificando, os professores devem ensinar os alunos a pensar de forma mais autônoma transformando a sala de aula em um lugar de aprofundamento, debates e discussões que tragam a compreensão do valor dos conteúdos abordados em sala de aula para a vida do aluno.

A entrada das TDICs na educação traz também uma grande discussão sobre o uso pedagógico dessas ferramentas no ambiente escolar. De acordo com Moran (2000), as instituições de ensino devem se planejar, cabendo aqui a reflexão entre organização (ligada ao conceito de normas, hierarquia e maior rigidez) e a flexibilidade no ensino (ligada ao conceito de liberdade e criatividade), sendo estes dois pontos, os principais para que o desenvolvimento do ensino e das aprendizagens se concretizem de forma mais eficaz.

A flexibilização aqui tem ligação direta com a aceitação das individualidades, respeitando e compreendendo que cada um tem um tempo e um ritmo. Já a organização, tem relação com o professor, este deve atentar e respeitar os meios que estão dando certo e compreender as diferentes formas de ensinar e que cada um ensina de um jeito, porém atentar ao que tem dado certo.

As TDCIs na educação nos trazem diversos caminhos que podem ser traçados de diferentes formas, o uso mais apropriado destas tecnologias, dependerá da instituição, da quantidade de alunos, de tecnologias disponíveis, duração das aulas e etc. Para tanto, necessita que o professor tenha um olhar mais atento aos alunos e sobre o planejamento. Conhecer os alunos, os interesses, torná-los participativos e protagonistas na construção desse ensino pode ser uma boa estratégia, pois a medida que vão compreendendo a importância de estar em sala de aula, vão se sentindo estimulados e motivados e participar do mundo escolar.

Embora as tecnologias ainda sejam um desafio para muitos docentes, devemos pensar que estamos em um período de construção desses saberes e das metodologias que os perpassam. Para isso, devemos pensar no ensino de forma colaborativa, percebendo as mudanças, experimentando as novas formas de ensinar e também reconhecendo as metodologias que diminuem a distância entre a teoria escolar na prática de vivência dos alunos, pois assim, poderemos vivenciar experiências produtivas que melhor engajem os estudantes nas atividades escolares.

2.2.1 TDICs na educação de surdos

Conforme o avanço das tecnologias e a sua integração na nossa sociedade, estas se tornaram ferramentas essenciais auxiliando não somente na comunicação e trabalho, mas também na forma como as relações se dão na sociedade moderna.

As Tecnologias digitais da Informação e Comunicação – TDICs, vem tomando um espaço significativo na escola, e na educação dos surdos. Através delas os surdos conseguiram mais autonomia e acesso a conteúdos que antes eram limitados ao mundo ouvinte ou dependentes destes para que a informação fosse repassada. Goettert (2019, p.125) diz que as informações eram passadas de mão em mão, necessitando sempre da presença de um ouvinte e do contato presencial para que os surdos tivessem acesso a informações.

Com a chegada das novas tecnologias, surge para esta comunidade uma gama de possibilidades, auxiliando na comunicação dos surdos, visto que, através delas, os surdos têm acesso às informações, contato direto com a língua portuguesa em seus diferentes contextos e formatos, acesso a diferentes formas de expressão, visibilidade, poder de produção e valorização de sua cultura e língua. Esses ganhos auxiliaram

significativamente os surdos, principalmente no que se refere ao acesso, autonomia e inclusão, pois mesmo que exista o reconhecimento e valorização desta comunidade surda, vivemos em uma sociedade majoritariamente ouvinte e que faz o uso da língua portuguesa para se comunicar nos meios sociais, sendo esta, as vezes a única opção de comunicação dependendo do ambiente.

O Decreto nº5626/2005 que regulamenta a lei 10.436/2002, trouxe oportunidades de acesso as redes televisivas, sendo disponível legendas e mais recentemente a janela de tradutor intérprete de Libras em alguns contextos. A disponibilidade de legenda e da janela de tradução para os surdos traz benefícios não somente de acesso, mas também de aquisição da língua portuguesa auxiliando no aperfeiçoamento das técnicas de leitura e de escrita. Goettert (2019, p. 126) fala que “... Assim como no caso das legendas, diversas TDIC têm estimulado os surdos a se apropriarem da língua escrita, no sentido de construção da independência comunicacional e informativa”.

Relacionando a ideia de visualidade dos surdos, as TDICs têm possibilitado o uso de imagens, assim como o uso da língua de sinais – Libras, para a comunicação dos/entre surdos e também na escola, desta forma os surdos passam a ter acesso direto a informação nos seus diferentes modos e principalmente na forma imagética onde as imagens estão disponíveis nas suas diferentes formas, relacionando o conteúdo com a imagem, o que facilita a compreensão e entendimento dos surdos. Goetteert (2019, p. 140) ressalta que os novos saberes relacionados a imagens se tornam ferramentas valiosas no que diz respeito a aquisição de novos saberes.

Outro fato aqui a ser pensado são discussões em torno do bilinguismo. Apesar de saber a importância do reconhecimento e do uso da Libras pela comunidade surda, e que de fato, é importante que eles tenham acesso aos conteúdos em sua língua, temos que pensar também sobre o acesso a outras informações que estão disponíveis na língua portuguesa. Esse fato, conforme Goettert (2019, p. 128), tem gerado um aumento no interesse dos surdos em se constituírem como sujeitos bilíngues. Pensando por este viés, os surdos se comunicam na sociedade com ouvintes, quando estes não sabem Libras, através da escrita e por este motivo o domínio das duas línguas torna-se importante, pois promove uma melhor inclusão dos surdos na sociedade que ainda não está adaptada para recebe-los.

Sobre a construção da autonomia dos surdos de forma mais independente, se dá a partir das crescentes tecnologias de informação e com elas surgem novas metodologias para o ensino dos surdos. As tecnologias assim como em qualquer meio vêm para facilitar, auxiliar, e na área da educação não é diferente, a diversidade de vídeos e mídias na internet hoje, servem como apoio para os professores, não somente na educação de surdos, mas aqui principalmente, uma vez que, através de dispositivos que acessam a internet os surdos se comunicam e através dessas interações, sejam escritas ou sinalizadas, existe uma troca e uma construção.

Nesta multiplicidade de saberes que as tecnologias nos trazem, devemos pensar que embora ainda haja alguma dificuldade em estabelecer práticas pedagógicas nesses ambientes virtuais, nunca antes os alunos tinham tanto contato com a leitura e a escrita como nos dias atuais. Elas nos trazem grandes desafios, mas também nos trazem o contato e interação com inúmeros saberes, os quais, dificilmente teríamos acesso se não fosse pelas tecnologias digitais.

2.2.2 TDICs, pandemia COVID-19 e ensino remoto

As tecnologias digitais a algum tempo já estão inseridas no cotidiano da escola, sendo mais utilizadas como ferramentas que possibilitam diversificar o conteúdo, através da utilização de Datashow, slides, filmes, WhatsApp, e-mails e etc. Todavia mantem-se as mesmas práticas metodológicas do ensino tradicional só que agora utilizando os recursos digitais.

Soares (2020, p. 285) diz que não havia uma utilização de recursos digitais, em favor do processo de ensino e aprendizagem, em massa, o movimento era discreto, cada docente o fazia à medida que sentia necessidade ou interesse.

Com o surgimento da pandemia, se viu a necessidade de repensar no uso dessas ferramentas tecnológicas, que antes serviam como apoio e que agora se fazem necessárias para que o processo de ensino e de aprendizagem continuem a acontecer. O isolamento social fez com que aulas e reuniões pedagógicas não pudessem acontecer de forma presencial, e para tanto houve a necessidade de uma rápida adaptação da escola e sua equipe pedagógica para que os alunos não fossem prejudicados.

As tecnologias que antes serviam de apoio, agora se fazem essenciais, as opções de uso destas ferramentas tiveram de ser aprofundadas e quase que autodidatadamente os professores tiveram que se apropriar desse mundo tecnológico e aprender ensinando, ou seja, aprender fazendo. Com a vinda do isolamento social e o fechamento das escolas o ensino começou a se dar de forma remota e os professores tiveram que repensar nas práticas pedagógicas, elaborando aulas que agora só poderiam ser ministradas através do uso das tecnologias digitais.

As tecnologias invadiram a vida social e escolar de todos, com isso, quase que instantaneamente os professores tiveram que se atualizar e repensar em práticas de letramento digital. Segundo Kenski (2003), as novas tecnologias já estão firmadas em quase todos os espaços sociais e culturais da atualidade, necessitando cada dia mais de profissionais flexíveis, logo que, novas demandas surgem e desaparecem em períodos cada vez mais curtos, carecendo de cada dia mais de inovações na área educacional e o uso das tecnologias, tendo em vista que, existe uma nova e diferenciada realidade que impõe desafios à forma como se faz educação na atualidade.

Considerando o momento pandêmico vivido podemos dizer que a pandemia abriu de forma mais abrupta as portas para a tecnologia na área da educação, pois houve uma crescente mudança na forma de nos relacionarmos na sociedade e também dentro da escola.

A escola pós pandemia será um grande desafio para todo ambiente escolar, pois depois de dois anos de pandemia, as crianças estão sedentas por contato, por conversas e talvez tenham problemas ao retorno presencial ou talvez o ambiente escolar não seja mais tão atrativo. Levando isso em consideração, de que forma os professores de Libras atuaram no contexto pandêmico? Quais ferramentas e metodologias foram utilizadas? Quais as ferramentas e metodologias foram utilizadas? Todas essas inquietações serão discutidas nos próximos parágrafos.

3 METODOLOGIA

3.1 Contexto de Pesquisa

A metodologia utilizada para este trabalho refere-se a uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, tendo como foco, o olhar de uma professora de nono ano em

uma escola bilíngue na cidade de Pelotas e o uso das tecnologias.

Tendo em vista que vivemos uma pandemia e o meio de comunicação social tem se dado prioritariamente por chamadas de voz, mensagens via WhatsApp, ligações telefônicas e vídeo chamada, para tanto, o presente trabalho deu-se de forma online, no mês de dezembro de 2021, evitando assim, qualquer tipo de contato presencial e contaminação.

A análise do instrumento de coleta de dados se dará a partir da entrevista realizada com a professora de português, realizada através do Googlemeet.

Para nortear a interpretação dos dados coletados, retoma-se a pergunta na qual o presente trabalho tem objetivo de responder: a partir do olhar docente, quais as diferentes estratégias utilizadas pela professora de ensino de português para surdos utilizadas durante o período pandêmico?

O presente trabalho procura através de uma análise qualitativa envolver os conceitos trazidos por Moran (2000), sobre as tecnologias e as mudanças necessárias provocadas pelos TDCIs nesta área da educação, atentando as práticas sob o olhar da professora aqui entrevistada.

3.1.1 Apresentação do Instrumento de Coleta de Dados

O contato com o sujeito da pesquisa se deu por meio da minha interação com a escola de Surdos da Cidade de Pelotas. Para tanto, entrei em contato com a escola para conseguir o contato das professoras de português. Fui informada de que a escola tem apenas uma professora que atende todo o ensino fundamental. Após o primeiro contato, a professora deu seu aceite e agendamos um dia para a entrevista.

A entrevista foi realizada através de chamada do Googlemeet. A escolha da plataforma online se deu visto que estamos no meio de uma pandemia e o contato presencial não está acontecendo. Os registros foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, na qual a entrevistada respondeu aos questionamentos previamente elaborados. A entrevista teve duração de 00:31'16" e foi realizada em uma terça-feira, no dia 20 de dezembro de 2020, na qual, a professora tinha disponibilidade. As perguntas foram realizadas uma por vez e de forma dinâmica, seguindo um roteiro, mas acrescentando a entrevista perguntas que a levassem para o caminho da pesquisa.

A entrevista foi guiada pelo tema da pesquisa que tem como objetivo geral verificar, a partir do olhar docente, as diferentes estratégias utilizadas pela professora de ensino de língua portuguesa para surdos durante o período pandêmico,

identificando suas potencialidades ou não no ensino remoto, bem como a integração das ferramentas tecnológicas.

Os dados da entrevista gravada foram transcritos e analisados para aqui trazer as constatações verificadas, no que tange, o ensino e aprendizagem do português como segunda língua para alunos surdos de uma escola bilíngue da cidade de Pelotas.

3.2 Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com uma professora de português da escola de surdos da cidade de Pelotas, que atende crianças da educação infantil até o ensino fundamental. A professora entrevistada é formada em Letras Português e Literatura pela Universidade Federal de Pelotas- UFPEL, mestranda pela UFPEL em Português para Surdos, começou sua carreira na escola de Surdos como monitora pelo Centro de Integração Empresa e Escola – CIEE e logo após começou a dar aula de estimulação da Linguagem para Surdos e Português/Literatura. Na próxima seção, discutiremos a fala da docente supracitada com o objetivo de responder os objetivos desta pesquisa e lançar olhares para a temática da prática docente voltada ao ensino de língua portuguesa para surdos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A entrevista, foi norteada por perguntas direcionadas para os objetivos desta pesquisa, sendo eles: identificar quais foram as metodologias de ensino utilizadas por professores bilíngues durante o ensino remoto; discutir a partir do olhar de uma professora de nono ano as metodologias e desafios utilizados no ensino remoto para surdos em uma escola bilíngue na cidade de Pelotas; verificar as potencialidades do ensino remoto para surdos e, por fim, identificar as ferramentas tecnológicas utilizadas para o ensino do Português como segunda língua.

A análise e discussão dos dados foi realizada a partir de quatro critérios: (1) Metodologias utilizadas pela Professora, (2) Desafios durante o ensino remoto, (3) Potencialidades do ensino remoto e Ferramentas Digitais. Segue abaixo a análise e discussão dos critérios supracitados. A professora aqui entrevistada será identificada nos excertos retirados da entrevista pela letra “P”.

4.1 Metodologias utilizadas pela Professora

Quanto aos primeiros questionamentos sobre as dificuldades encontradas como professora de português e literatura para surdos, foi possível observar que a

professora recorre das metodologias do ensino do francês, assim fazendo adaptações para o ensino do português.

P: eu acho que assim de português, principalmente que **não tem materiais** né, eu procuro... eu fiz francês, aí **eu pego o material do francês** e aí eu pego os livros e aí **eu faço atividades ali semelhantes**, tem muito material que a Josie (antiga professora de português da escola) deixou na escola que eu uso, mas eu **pego muita coisa do francês**, só que não tem materiais, tipo assim, se eu for pesquisar na internet, **não tem aonde pesquisar coisas** e aí as vezes, aí eu queria ensinar os verbos.. bah.. mas eu queria ensinar os substantivos, tá mas que atividade que eu poderia fazer.. ou tu tem que pensar na atividade ou tu tem que procurar estes outros recursos da língua estrangeira e eu não gostaria de ter que procurar materiais da língua estrangeira e dá uma adaptada isso eu não gostaria, pensando na cultura surda, na comunidade surda, eu gostaria de ter materiais assim, ideias que a gente não encontra.

Mônica Mendes (entrevistadora): e como segunda língua pra ti, tu procura recursos do ensino dessa segunda língua que tu possa utilizar com eles. é isso que tu faz?!

P: é, é isso que eu faço.. é porque nos livros de Francês tu.. tem.. te da conta que da pra fazer com surdos, e aí tu pega estás atividades e os livros de língua estrangeira tem muita imagem e aí então, claro eu não vou usar aquelas imagens, mas também já me dá ideia de como fazer uma atividade visual e tal.

No excerto acima, podemos constatar também a carência de produção de materiais disponíveis para o ensino do português como segunda língua com métodos de ensino em Libras, fazendo com que a professora recorra para a reutilização de materiais para o ensino de outra língua adaptando-os para o ensino do Português como segunda língua.

Podemos observar ainda que um dos motivos pelo qual a professora recorre a reutilização de materiais do francês para a adaptação no ensino do português para surdos, se dá, por haver muita imagem presente no material. Conforme Lebedeff (2010) a visualidade a tempos já tem sido relacionada com os sujeitos surdos, compreendendo a surdez a partir da resignificação da experiência visual, do uso da Libras e a produção de uma cultura que não prescinde do som. Diante do exposto, percebemos que a professora, na elaboração do material para o ensino do português como segunda língua, tem esse entendimento e procura dentro desta cultura estratégias visuais que permitam aprendizagens mais significativas, respeitando a cultura desta comunidade.

Sobre o ensino do português como segunda língua, Rosário (2020) fala que o ensino do português em Libras não é tarefa fácil e para tanto é necessário muito empenho e dedicação do profissional envolvido. Neste trecho da entrevista, é notório o envolvimento e a preocupação da professora no momento de elaborar suas aulas, utilizando de metodologias já aplicadas em outra língua, ou seja, reutilizando estratégias que deram certo, respeitando a cultura visual para a produção de material para o ensino do português como segunda língua.

4.2 Desafios durante o ensino remoto

Sobre os desafios encontrados durante o ensino do português como segunda língua para surdos no período remoto, é possível perceber, através da fala da professora, que a escola, a sala de aula, o ambiente escolar é o terreno do professor, onde o professor exerce o seu domínio, domínio no sentido de sentir-se em casa, ou seja, local onde tem seus suportes tecnológicos ao seu alcance, bem como o contato direto com o aluno e suas produções. Nesse sentido, a professora tem essa como uma das maiores dificuldades encontradas por ela durante o ensino remoto, o contato direto com os alunos e com o ambiente escolar. A vista disso, Freire (2016) refere-se ao ambiente escolar como um local de ação, onde aluno e professor são incluídos em uma interação de sucessos e dificuldades compreendendo a complexibilidade dos saberes e suas resoluções que dão autonomia aos aprendizes de forma que façam parte dessa construção juntamente com o professor. De acordo com a visão interacionista, proposta por Freire (2016), na qual, a professora reconhece a construção do conhecimento por todos os envolvidos podemos inferir que no que se refere a interação e construção dos conhecimentos por todos agentes envolvidos. A professora teve êxito, pois mesmo sentindo a falta do contato com os alunos no método tradicional/presencial, as dificuldades foram contornadas e adaptadas à nova realidade.

Sobre o sentimento de “falta” ressaltado pela professora quando se refere a falta de contato, ou de algo que a mesma não soube explicar, podemos inferir que os métodos tradicionais de ensino e a falta do convívio social proporcionado pelo isolamento social devido a covid-19 pode ser o gerador do sentimento de “falta” exposto pela professora, pois não estamos acostumados com o isolamento social. A escola, os educadores e educandos ainda estão se adaptando a esta nova realidade

colocada pelo isolamento social, interferindo diretamente na forma de se relacionar, principalmente nos meios educativos.

Moran (2000) diz que mesmo com o grande desenvolvimento das ferramentas tecnológicas, ainda temos muita dificuldade em gerenciar o emocional neste meio virtual. Em concordância com a fala de Moran (2000), podemos inferir que o sentimento de “falta” relatado pela professora no excerto abaixo, se dá pela falta de habito das novas formas de se relacionar gerado pelo isolamento social

Mônica Mendes (entrevistadora): Quais foram as dificuldades de ensinar durante a pandemia e quais estratégias tu utilizou para contornar elas?

P: eu acho que assim, que **eu sentia muita falta de tá perto deles**, parecia que tinha vezes que parecia que eu tinha que tocar no aluno pra ver se ele entendia sabe.. e não dava eu não sei porque eu tinha esta sensação e.. e.. eu não tenho quadro, eu até tinha um quadro, mas eu não tenho quadro a gente tem aula todos os dias pelo zoom, mas aí eu usava o quadro, mas aí eu achava que não tava legal sabe, porquiii.. eu não sei, não tava aparecendo, não tava aparecendo útil, então eu comecei a usar o word com eles, eu acho que foi uma estratégia legal assim, porque com eles também assim no zoom, eu abria o word, eu mostrava as coisas ali no word e eles também podia digitar lá no celular deles , eles podiam responder por ali. Eu acho que foi melhor que usar o quadro né, que **eu tentei usar o quadro foi difícil**, mas mesmo assim **eu acho que não é a mesma coisa que o presencial**, eu me sinto.. eu me sentia às vezes assim, não sei tava faltando alguma coisa sabe **eu penso que era esse contato, que aí eu explicava, explicava, explicava. tá eles tavam entendendo mas faltava sabe.. eu acho que o presencial faz falta por isso**, mas eu usei o word com eles ali pra fazer explicações e eu acho que foi bom. Claro eu pude **fazer apresentações de várias coisas que tem na internet pra eles pelo zoom** que de repente na escola não ia conseguir mostrar, porque a internet antes era boa mas não tão boa.. então, de repente **eu consegui algumas coisas da internet vídeos, imagens que de repente eu não mostraria, de repente esse foi o ponto positivo**, mas eu acho que foi mais difícil, por mais que eu tenha mais experiência a distância então eu acho que presencial é melhor.

Ainda sobre a dificuldade encontrada pela professora, Moran (2000) diz que a educação presencial caminha para a incorporação de atividades típicas do ensino a distância, necessitando um novo olhar dos professores sobre o ensino e a aprendizagem nesses espaços.

Devido a covid-19, os espaços escolares sofreram abruptas mudanças e o ensino tradicional que antes tinha como espaço a escola foi substituído por plataformas online. Sabemos que as tecnologias podem diminuir o afastamento existente, contudo, tradicionalmente a escola sempre foi o espaço de aprendizagem

e de ensino e adaptarmos a nova realidade virtual que nos foi imposta é uma questão de tempo para que todos se adaptem à essa nova realidade.

4.3 Potencialidades do ensino remoto

No que se refere as potencialidades do ensino, podemos perceber que apesar de haver o uso de tecnologias no ensino presencial, este não se fazia tão central nas formas de ensinar. A professora ao ser indagada sobre a utilização de tecnologias em um retorno ao presencial diz que:

P: Eu acho que a **função dos vídeos**, principalmente da arte de sinalizar, que tem tanto.. **tanto vídeo assim, de piada, de poesia e tem muito de literatura surda né**, mais assim, infanto juvenil, adulta que eles não gostam tanto daqueles livros infantis. Então acho que **trabalhar mais estas questões de vídeos, vídeos e vídeos porque eu acho também que a internet da escola vai estar melhor né, então eu acho que continuar trabalhando com estes vídeos** iii, né claro **fazendo as análises dos vídeos**, mas mostrar estes vídeos. 'Porque antes **eu mostrava mas era bem menos assim**, eu trabalhava bem menos e aí eu trabalhava mais livro físico mesmo.

Outra ferramenta com potencial a ser utilizada e explorada no retorno das aulas presenciais seria a utilização do celular de forma orientada, ou seja, trazer para a rotina da escola uma ferramenta que os alunos já se habituaram a utilizar e que pode auxiliar na motivação dos alunos na volta do presencial. Sobre isso Moran (2000) diz que é difícil manter a motivação dos alunos no presencial, sem que haja envolvimento dos alunos nos processos participativos, afetivos, que auxiliam na construção da confiança. Referente a isso, podemos dizer que o uso da internet no meio escolar de forma guiada, ou orientada traz benefícios a todos, pois a medida que os alunos estão pesquisando, utilizando uma ferramenta, que já é do seu domínio em conjunto com as técnicas utilizadas pela professora, pode-se integrar as dinâmicas tradicionais com as inovadoras, o que seria na visão de Moran (2000) um encontro entre presencial e virtual de grande potencialidade.

Acerca das potencialidades no ensino podemos dizer que a utilização das tecnologias digitais de forma pedagógica no meio escolar e principalmente nas aulas de português, podem ser vistas como uma grande aliada, visto que, durante seu uso os sujeitos surdos estão expostos a diferentes informações auxiliando na aquisição da sua segunda língua, o português.

4.4 Ferramentas Digitais

As tecnologias digitais de Informação e Comunicação – TDICs não são algo novo no ambiente escolar, contudo sua utilização, antes da pandemia, não era algo tão presente na rotina pedagógica da escola.

Nesse sentido, Moran (2000) diz que as tecnologias chegaram na escola, mas que seu uso era mais acerca da modernização da escola do que voltado ao uso pedagógico destas ferramentas para o ensino e aprendizagem.

Abaixo, podemos observar na fala da professora o conceito trazido por Moran (2000), onde podemos visualizar que, apesar de haver um investimento na área tecnológica, esses não eram utilizados com tanta frequência como ferramenta pedagógica, visto que não haviam tecnologias suficientes para atender a todos os alunos e seu uso se fazia mais recorrente como algo esporádico e não como uma ferramenta pedagógica a ser explorada.

Mônica Mendes (entrevistadora): tá, uma outra coisa, a escola tem um laboratório de informática né?! não sei como anda hoje em dia, não sei nem se tem, mas a pergunta é: nem esta aqui nas perguntas mas me veio na cabeça. Se vocês utilizavam né antes da pandemia, se utilizavam este laboratório para pesquisa no google ou para alguma coisa e se voltando ao presencial tu pretende usar mais o laboratório por conta dessa experiência?

Sabrina (entrevistada): **Olha a gente usava mais o laboratório em dia de chuva** com os alunos porque os computadores **não eram todos que funcionavam**, então tinham alguns que estavam funcionando, até no último ano de 2019, **tinham chegado doação de mesa e cadeira então as mesas e as cadeiras do laboratório estavam.. lindas!!** mas **os computadores não**, então quando tava chovendo e tinha pouquinhos a gente ia para o laboratório, se não a gente não ia para o laboratório, mas tinha um projeto do Ifsul, aí eu não sei, até agora como começou o remoto eu não sei o que aconteceu, não sei, que tinha um projeto da computação do ifsul que iam arrumar aqueles computadores né, então si, **esses computadores foram arrumados, acho que vai ser bem legal eles irem para o laboratório porque é interessante que eles pesquisem até porque quando eles estão pesquisando, eles estão escrevendo e eles tem que ler e eu acho que isso é importante e eu acho que né**, só que não sei se vai ter computador bom, mas se o projeto continuou né, os computadores devem estar bons, eu não sei, eu até vou ter que perguntar.

As ferramentas digitais com o isolamento social adentraram o meio escolar se tornando a principal fonte de mediação do processo de ensino e de aprendizagem.

Conforme Moran (2000), as tecnologias provocaram mudanças na educação, desenraizando o conceito de ensino e aprendizagem localizados no tempo. Abaixo podemos visualizar o conceito apresentado por Moran (2000), pois os alunos com o uso das ferramentas digitais podem aprender de diferentes lugares, de modo online ou off-line, e a temporalidade aqui citada é vista pela forma das atividades propostas, na qual, os alunos desenvolveram de forma mais autônoma formas de aprender, deixando para os encontros, a interação mais efetiva sobre as atividades semanais, havendo a participação de todos os agentes envolvidos neste processo.

Mônica Mendes (entrevistadora): então, quais foram os métodos ou metodologias, acho que seria mais métodos que tu utilizavas antes e que tu utilizas agora? tem alguma diferença do que tu utilizavas antes, continua utilizando a mesma estratégia?

P: Olha.. eu acho que eu continuo utilizando a..a mesma estratégia, eu.. eu acredito que não mudou muito, a única coisa é que eu explicava os conteúdos porque tinha mais aulas de português né, eram 5 aulas de português na semana, então eles tinham mais explicações do conteúdo **agora eles têm um dia de explicação na semana e muita atividade então eu acho que eu faço muito mais atividade agora, antes eles não tinham tantas atividades como a que eles tem agora**, antes era mais, eles tinham atividades mas era muita conversa muita explicação, aí vê se eles estavam entendendo né, eram bastantes trocas, eles adoram trocar, agora como a gente se **encontra uma vez na semana né**, uma hora, eles **têm toda a semana para fazer o restante das atividades, então eles têm bastante**, mais ou menos a mesma coisa não muda muito, não mudei muita coisa.

As mudanças na forma de ensinar com o adentramento das TDICs no ensino podem ser visualizadas com facilidade na fala da professora e trago aqui ferramentas digitais utilizadas no ensino do português como segunda língua observadas de acordo com a fala da professora entrevistada. As ferramentas observadas foram: plataforma Zoom, Word, Google, Google drive, vídeos, imagens, cel e Whatsap.

Com o uso destas tecnologias no meio escolar e elencando a ideia de Moran (2000) que se refere ao espaço, a temporalidade das relações entre professor e aluno, podemos observar que a dinâmica utilizada pela professora, como poderemos ver no excerto abaixo mostra que o papel do professor se transforma de acordo com as relações efetivadas com os alunos em um espaço que agora não é a escola e sim o meio virtual. De acordo com ele este espaço aumenta as trocas, pois o tempo de envio e recebimento de mensagens se amplia a qualquer hora e dia da semana como podemos observar abaixo

P: ...durante o dia a gente, eu tiro dúvidas se eles chamam eu tiro dúvida na hora, claro que depois eu até trago aquela dúvida para a sala de aula, porque pode ser a dúvida de outros.

O ensino tradicional se modificou com as TDICs, e podemos observar que os alunos estão desenvolvendo cada dia mais a habilidade autônoma de pesquisa e por consequência da aquisição de novos conceitos e do português.

De acordo com Moran (2000) a internet favorece a construção cooperativa e o trabalho mais efetivo dos agentes professor e aluno, tanto virtualmente quanto presencial. Essa competência pode ser observada na fala da professora como no excerto abaixo.

P: a gente tem aula todos os dias pelo zoom, mas aí eu **usava o quadro**, mas aí eu achava que **não tava legal** sabe, porquiii.. eu não sei, não tava aparecendo, não tava aparecendo útil, então **eu comecei a usar o word** com eles, eu acho que foi uma **estratégia legal** assim, porque com eles também assim no zoom, **eu abria o word, eu mostrava as coisas ali no word** e eles também **podia digitar lá no celular deles , eles podiam responder por ali.** Eu acho que foi melhor que usar o quadro né, que eu tentei usar o quadro foi difícil, mas mesmo assim eu acho que não é a mesma coisa que o presencial, eu me sinto.. eu me sentia às vezes assim, não sei tava faltando alguma coisa sabe eu penso que era esse contato, que aí eu explicava, explicava, explicava. tá eles tavam entendendo mas faltava sabe.. eu acho que o presencial faz falta por isso, mas **eu usei o word com eles ali pra fazer explicações e eu acho que foi bom.** Claro eu **pude fazer apresentações de várias coisas que tem na internet pra eles pelo zoom que de repente na escola não ia conseguir mostrar, porque a internet antes era boa mas não tão boa.. então, de repente eu consegui algumas coisas da internet vídeos, imagens que de repente eu não mostraria,** de repente esse foi o ponto positivo, mas eu acho que foi mais difícil, por mais que eu tenha mais experiência a distância então eu acho que presencial é melhor.

Neste trecho retirado da entrevista podemos observar que a professora ao se deparar com a situação de aulas online, primeiramente tenta algo utilizado pela sua experiência do ensino tradicional, utilizando o quadro como ferramenta para dar exemplos e explicações, ao perceber que este recurso não estava sendo efetivo a professora utiliza de outro recurso tecnológico que melhor se adaptasse a realidade do momento, no caso o programa da Microsoft, o word. Com o word, ela conseguiu dar explicações, exemplos e os alunos conseguiam acompanhar as aulas e participar dessa construção na sala de aula virtual, respondendo questões e as comentando.

As TDICs são ferramentas de grande potencialidade e podemos perceber que apesar do distanciamento social o uso das tecnologias digitais auxiliou os surdos na comunicação, pois a Libras sendo uma língua visual gestual e com o crescimento da utilização de chamadas de vídeos em variadas plataformas, proporcionou a estes

estudantes contato com seus pares e habilidades linguísticas nas quais sem o poder de fala através da Libras, poderia ter sofrido perdas linguísticas. Abaixo podemos observar no comentário da professora o referido acima.

Mônica Mendes (entrevistadora): nono ano ela já não vê tanto esta perda linguística?

P: Não, não vejo nada de perda no nono ano, no nono ano acho que fica assim oh, cada vez melhor.

Sobre isso Goettert (2019) diz que com as TDICs, os surdos passaram a viver com mais independência, segurança e acesso a informação, dessa forma os surdos tem se apropriado mais da língua escrita, o que tem auxiliado diretamente nesta independência comunicacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho tinha como objetivo identificar a partir do olhar de uma professora de nono ano, de uma escola bilíngue da cidade de Pelotas, as estratégias utilizadas para o ensino do português como segunda língua para os surdos, identificando as metodologias utilizadas durante o ensino remoto, os desafios e as potencialidades.

Para a realização da pesquisa foi realizada uma entrevista com a professora da escola de surdos na cidade de Pelotas e logo após os excertos foram separados pelos seguintes critérios: metodologias utilizadas, desafios durante o ensino remoto, potencialidades e ferramentas digitais.

A seguir, apresento um quadro-síntese com os dados encontrados nesta pesquisa.

Metodologias utilizadas	Desafios durante o ensino remoto	Potencialidades no ensino	Ferramentas digitais
- visualidade	- adaptação ao virtual	- uso da internet	- Google, Google drive
- reaproveitamento de material	- falta do contato presencial	- ferramentas digitais	- whatsapp
- produções visuais		- Celular	- Plataforma Zoom
- produções de vídeos		- Computador	- Celular
- imagens			- computador
			- Microsoft Word

Fonte: (Elaboração própria).

Concluimos, no que tange as metodologias utilizadas pela professora para o ensino português como segunda língua para alunos surdos, uma grande preocupação em produzir conteúdos que atendam e respeitem a cultura surda. Com este trabalho foi possível enxergar a lacuna existente no que diz respeito a produção de conteúdos

com metodologias para o ensino do português como segunda língua para os surdos, fazendo com que a professora recorra a reutilização e adaptação de material para atender os alunos.

Sobre os desafios encontrados pela professora, fica claro que ainda estamos em um processo de adaptação das novas formas de se relacionar e principalmente de ensinar e aprender. Todos tivemos que nos reinventar e utilizar de ferramentas que antes não eram utilizadas tão recorrentemente de forma pedagógica e que agora se fazem indispensáveis no meio escolar e para tanto como diz Moran (2000) precisamos gerir nossos sentidos emocionais para integrar a teoria da prática aproximando o pensar do viver.

No que tange as potencialidades do ensino para um retorno ao presencial foi constatado que o ensino tende a se adaptar as tecnologias, uma vez que, a maioria já está acostumada com o seu uso e, cessar o uso destes recursos, em um retorno ao presencial pode gerar uma desestimulação no ambiente escolar, já que, neste período remoto as TDICs tiveram um papel crucial em todas as áreas do conhecimento, dando a estes alunos contato direto a diferentes materiais, estímulos e conteúdos. Constatamos então, pela fala da professora, que alguns recursos digitais como: o celular e o computador serão inseridos na vida escolar de forma orientada e pedagógica no momento pós-pandemia.

Nesta pesquisa conseguimos identificar as principais ferramentas digitais utilizadas pela professora e que conduziram de forma eficaz o ensino durante o isolamento social, sendo elas: Google drive, Google, Microsoft Word, Computador, Plataforma Zoom, Celular e WhatsApp.

Além disso, foi possível compreender o importante papel do professor como mediador e pesquisador. Compreender as formas de ensinar e as estratégias para tal não é tarefa fácil, contudo a professora o fez com muito êxito.

Considerando o isolamento social gerado pela covid-19 e o impacto causado na área da educação, nos chama a atenção para um olhar sobre o retorno ao presencial. As instituições devem refletir sobre o uso das tecnologias dentro desses espaços escolares voltados para seu uso de forma pedagógica. A utilização destas ferramentas, uma vez que, a maioria dos alunos já estão habituados com o seu uso, será quase que inevitável, sendo que, o contato com diferentes mídias neste caso em específico auxiliou no desenvolvimento linguístico e cognitivo trazendo ganhos para todos os alunos e novas perspectivas de ensino em relação a professora.

Acreditamos que este trabalho vem a contribuir nos estudos de metodologias para o ensino do português como segunda língua, bem como revela a carência e necessidade de novos estudos para a aquisição do português como segunda língua para surdos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no Contexto escolar: possibilidades.** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades?highlight=WyJocSjd>. Acesso em: 18 jan. 2022, 13:58.
- CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos.** Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós - Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Santa Catarina, p. 245. 2008.
- GOETTERT, Nelson. As tecnologias como ferramentas auxiliares na comunicação em língua portuguesa para usuários da língua brasileira de Sinais. In: CORRÊA; CRUZ. **Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais.** Porto Alegre: Penso, 2019. P. 125-142.
- KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação.** Campinas: Editora Papirus, 2012.
- KUBASKI, Cristiane; MORAES, Violeta Porto. **O Bilinguismo como Proposta Educacional para Crianças Surdas.** Porto Alegre: IX Encontro Nacional de Educação - EDUCERE, 2009.
- LEBEDEFF, T. B. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. **Cadernos de Educação.** FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, n. 36, p. 175 - 195, mai/ago 2010.
- MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologia.** Informática na educação: teoria&prática. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/6474/3862>. Acesso em: 31 de jan 2022, 16:00.
- ROSÁRIO, Roseanny. **Desafios do Português como Segunda Língua para Surdos.** Belo Horizonte: Dialética, 2020.
- SKLIAR, Carlos. **Atualidade da Educação Bilíngue VOL. 2: Interfaces entre Pedagogia e Linguística.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2016.

VALENTINI, Carla B. As novas tecnologias da informação e a educação de surdos. In: SKLIAR, Carlos. **Atualidade da Educação Bilíngue VOL.1: Processos e Projetos Pedagógicos**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2017. P.233-248.

ZANELLA, Brenda; LIMA Maria de Fátima W. P. **Refletindo sobre os Fatores de Resistência no Uso das TICs nos Ambientes Escolares**. Disponível em: <file:///C:/Users/monic/Downloads/5284-21118-1-PB.pdf> Acesso em: 10 de março de 2022, 18:37.

APÊNDICES

Transcrição da Entrevista

Mônica Mendes (entrevistadora): Então, vamos lá! Sabrina eu gostaria que eu te apresentasse e falasse um pouco da tua formação.

P: Eu sou a Sabrina, eu tenho 24 anos e eu não conhecia nada sobre Surdos até os meus 19 anos, eu conheci a Libras, os surdos, e que existia uma comunidade surda, e que existia uma escola de surdos.. enfim, na Ufpel no meu segundo semestre e isso foi em 2016. Aí no segundo semestre eu tive aula com a Aline, e eu nunca tinha conversado com surdo e eu fiquei.. meu Deus, dá pra conversar com surdo, sabe eu sou de canguçu e aqui tem muito surdo, só que aqui eu não conhecia surdo nenhum, eu nunca tinha visto surdo na rua, eu não sabia, a única coisa que eu já tinha visto era aqueles papezinhos né, então eu não sabia nada e eu achei aquilo fantástico e aí a Aline disse que tinha Escola Alfredo Dub, e aí eu pensei meu Deus eu vou lá. E eu de canguçu não sabia nem chegar no Alfredo Dub né, aí eu tive que ir a pé, porque... eu não sabia pegar ônibus e aí eu fui lá e pedi para ser voluntária, só que aí foi em 2017 tu não estavas mais lá estava a Carol e aí eu comecei a ser voluntária em 2017 e aí em 2018 eu também fui voluntária, ah não em 2018 eu fui monitora CIEE e aí em 2019 eu comecei a dar aula de estimulação da linguagem e agora eu do aula de Português, Literatura e estimulação da Linguagem, desde 2020 e aí começou o presencial né 2020.. fim, aí a distância, tenho mais experiência a distância que presencial dando aula.

Mônica Mendes (entrevistadora): Quando tu começou lá, tu estavas formada já em Letras Português?

P: Não, eu estava recém no meu terceiro semestre.. porque assim, eu tava no segundo semestre no finalzinho de 2016, quando eu tive aula com a Aline, no finalzinho de 2017 eu estava no terceiro semestre e eu fui ser voluntária. Eu me formei em 2019.

Mônica Mendes (entrevistadora): nossa e tu já ta mestranda!? nossa que legal! (risos)

P:risos.. já to mestranda.

Mônica Mendes (entrevistadora): aí gurria.. que orgulho!!!

P:que orgulho!! aí eu fui lá.. e quando eu estava lá no Alfredo Dub, eu fiz cursos, cursos, cursos e peguei vários cursos, porque a letras ela não proporciona nada, tu sabe bem, aí então eu fiz cursos por fora, eu fiz cursos do Alfredo Dub que teve , que teve no Ifsul, que teve a distância.. e aí.. que enfim.. aí depois eu comecei a fazer a pós, a especialização em tradução e interpretação, mas eu não gosto de ser intérprete, eu fiz a pós só por fazer (risos), porque eu gosto mais de dar aula mas se precisar tudo bem, mas se não precisar eu prefiro só dar aula e aí eu comecei a fazer o mestrado em letras agora, tô.. termino no meio do ano que vem e aí é o Português para Surdos, no mestrado e é isso. E eu formei em 2019, e eu tenho só 24 (risos)

Mônica Mendes (entrevistadora): Nossa gurria! tu tens só 24, eu tô assim oh!! (risos)

P:risos..

Mônica Mendes (entrevistadora): ta.. mas assim, agora tu ta fazendo mestrado em?

P:Letras.

Mônica Mendes (entrevistadora): ta em Letras, mas é nesta área da surdez ou não?

P:é português para surdos, é isso.

Mônica Mendes (entrevistadora): ah.. português para surdos

P: é o meu trabalho tem haver com o da Josie, assim a Cássia começou com aquele shipcold, a Josie continuou e aí no caso eu to continuando.. risos.

Mônica Mendes (entrevistadora): Porque está dando certo né, é algo que está dando certo e aí a gente vai reutilizando o que está dando certo.

P: isso

Mônica Mendes (entrevistadora): sempre melhorando, qualificando... isso. Aí, então nossa segunda perguntinha seria: A quanto tempo tu trabalhas como professora?

P: meio de 2019 eu comecei, junho de 2019.

Mônica Mendes (entrevistadora): tá. e assim, anterior a esta experiência com os surdos, tu teve uma outra experiência com alunos ouvintes, chegou a dar aula?

P: eu dei aula em cursinho pré vestibular, só.

Mônica Mendes (entrevistadora): não, já é bastante né, porque a gente sabe que adolescente não é barbada.. risos

P: risos.. eram péssimos.. risos.

Mônica Mendes (entrevistadora): é ali a gente tá na faixa de gaza.. risos...

P: e mais o bom é que no cursinho eles querem né, claro que tinham alguns que estavam lá porque o pai e mãe mandou, mas a maioria queria passar no enem e até que não foi tão ruim. E o meu estágio também.. eu fiz o meu estágio.. eu tinha que fazer quatro estágios, dois eu fiz no Dub e dois eu fiz em uma escola de ouvintes e na escola de ouvintes eu achei bem... é que ... é uma coisa que eu não gosto mesmo.. eu já senti, não é pra mim.

Mônica Mendes (entrevistadora): já se apaixonou por este mundo dos surdos.

P: é..

Mônica Mendes (entrevistadora): eu sei como é que é.. (risos)

P: e a gente começa como monitora né Mônica risos.. uí e aí dá um arrepio.. risos..

Mônica Mendes (entrevistadora): guria eu comecei como monitora e foi tudo meio sem querer, não quero falar pra não pegar tudo isso na gravação.

P: pode falar, pode falar.. risos..

Mônica Mendes (entrevistadora): eu comecei como monitora e... aí daqui a pouco eu queria ser professora de língua portuguesa para surdos e nunca me imaginei tradutora e me falavam em tradução em fazer curso e eu nunca quis. Eu digo, não eu quero ensinar, eu quero dar aula de português e daí coisa e tal, mas sempre muito focada e foi aí quando eu entrei na ufpe para fazer letras, justamente com este objetivo e acabei me transformando em tradutora porque saiu um curso no ifsul e aí eu fui fazer e vou te dizer, sou apaixonada por ser tradutora, não to dizendo que não vo trabalhar no futuro como professora, mas hoje eu me sinto realizada como tradutora, adoro mesmo.

P: que legal! que bom..

Mônica Mendes (entrevistadora): mas eu não gostava.

P: (inaudível..)

Mônica Mendes (entrevistadora): eu traduzia assim oh.. informalmente na comunidade surda, em ambientes clínicos né.. quando precisava até na delegacia, no fórum, em alguns momentos informais mas não me via como, não gostava e depois que eu fiz o curso eu peguei um gosto, um amor pelo negócio. Não pretendo assim, não sei se eu vou atuar como professora, mas.. né.. eu sou apaixonada por essa área da tradução.

P: ah que legal, coisa boa quando a gente se encontra né!

Mônica Mendes (entrevistadora): ah.. é verdade, graças a Deus!

P: risos..

Mônica Mendes (entrevistadora): com 39 anos.. risos... a gente tem que se encontrar.. risos

P: tu tem 39?

Mônica Mendes (entrevistadora): tenho.. risos..

P: aí.. não tem cara de 39.. risos..

Mônica Mendes (entrevistadora): aí guria, tem sim.. risos

P: não tem! não tem! risos.. Olha que já te vi pessoalmente

Mônica Mendes (entrevistadora): obrigada! Essa entrevista vai ficar show de transcrever depois.. risos..

P: risos..

Mônica Mendes (entrevistadora): a outra perguntinha é quanto tempo trabalhas como professora de surda, opa.. de surda não de surdos?

P: é.. eu comecei ali no meio de 2019 como professora de surdos.

Mônica Mendes (entrevistadora): quais as dificuldades recorrentes na aula.. tu da aula de literatura para eles né?

P: huhum.. do.

Mônica Mendes (entrevistadora): quais são as dificuldades assim, recorrentes como professora de português e literatura para surdos?

P: eu acho que assim de português, principalmente que não tem materiais né.. eu procuro.. eu fiz francês, aí eu pego o material do francês e aí eu pego os livros e aí eu faço atividades ali semelhantes, tem muito material que a Josie deixou na escola que eu uso, mas eu pego muita coisa do francês, só que não tem materiais, tipo assim, se eu for pesquisar na internet, não tem aonde pesquisar coisas e aí as vezes, aí eu queria ensinar os verbos.. bah.. mas eu queria ensinar os substantivos, tá mas que atividade que eu poderia fazer.. ou tu tem que pensar na atividade ou tu tem que procurar estes outros recursos da língua estrangeira e eu não gostaria de ter que procurar materiais da língua estrangeira e da uma adaptada isso eu não gostaria, pensando na cultura surda, na comunidade surda, eu gostaria de ter materiais assim, ideias que a gente não encontra. Na literatura acho que é o mais difícil assim, tá.. porque tem os livros de literatura surda infantis, só que daqui a pouco eles não aguentam mais porque eles não são crianças mais e aí eles começam a dizer que não são mais crianças e aí eu digo que eu sei que não são mais crianças e aí eu acabo trabalhando literatura ouvinte né.. literatura brasileira, literatura universal, porque.. não tem literatura surda, claro eu trabalho aqueles.. tem vídeos, tem ali a arte de sinalizar, tem vídeos do Fabiano.. mas eu acho que também falta mais material de literatura e português.. ah, que falta.. falta material, acho que esta é a minha dificuldade.

Mônica Mendes (entrevistadora): tu procura no Francês, não era uma pergunta que estava aqui, mas.. eu vou perguntar. Tu procura o Francês, porque.. ah.. eu fico pensando.. como o francês é uma segunda língua pra ti né, segunda, terceira ou quarta.. risos..

P: segunda mesmo... não terceira.. risos.. não segunda mesmo, não sei.

Mônica Mendes (entrevistadora): e como segunda língua pra ti, tu procura recursos do ensino dessa segunda língua que tu possa utilizar com eles. é isso que tu faz?!

P: é, é isso que eu faço.. é porque nos livros de Francês tu.. tem.. te da conta que da pra fazer com surdos, e aí tu pega estas atividades e os livros de língua estrangeira tem muita imagem e aí então, claro eu não vou usar aquelas imagens, mas também já me dá ideia de como fazer uma atividade visual e tal.

Mônica Mendes (entrevistadora): tá. Quais eram os recursos tecnológicos utilizados no ensino presencial antes da pandemia? tu utilizavas algum recurso tecnológico antes da pandemia?

P: olha.. o computador da escola que tava na sala de português não funcionava, aí eu levava o meu notebook e aí a gente assistia, mas eu nunca usei nem um aplicativo nem nada eu usei o google mesmo.

Mônica Mendes (entrevistadora): tá. Quais foram as dificuldades de ensinar durante a pandemia e quais estratégias tu utilizou para contornar elas?

P: eu acho que assim, que eu sentia muita falta de tá perto deles, parecia que tinha vezes que parecia que eu tinha que tocar no aluno pra ver se ele entendia sabe.. e não dava eu não sei porque eu tinha esta sensação e.. e.. eu não tenho quadro, eu até tinha um quadro, mas eu não tenho quadro a gente tem aula todos os dias pelo zoom, mas aí eu usava o quadro,

mas aí eu achava que não tava legal sabe, porquiii.. eu não sei, não tava aparecendo, não tava aparecendo útil, então eu comecei a usar o word com eles, eu acho que foi uma estratégia legal assim, porque com eles também assim no zoom, eu abria o word, eu mostrava as coisas ali no word e eles também podia digitar lá no celular deles , eles podiam responder por ali. Eu acho que foi melhor que usar o quadro né, que eu tentei usar o quadro foi difícil, mas mesmo assim eu acho que não é a mesma coisa que o presencial, eu me sinto.. eu me sentia às vezes assim, não sei tava faltando alguma coisa sabe eu penso que era esse contato, que aí eu explicava, explicava, explicava. tá eles tavam entendendo mas faltava sabe.. eu acho que o presencial faz falta por isso, mas eu usei o word com eles ali pra fazer explicações e eu acho que foi bom. Claro eu pude fazer apresentações de várias coisas que tem na internet pra eles pelo zoom que de repente na escola não ia conseguir mostrar, porque a internet antes era boa mas não tão boa.. então, de repente eu consegui algumas coisas da internet vídeos, imagens que de repente eu não mostraria, de repente esse foi o ponto positivo, mas eu acho que foi mais difícil, por mais que eu tenha mais experiência a distância então eu acho que presencial é melhor. Não sei se eu respondi?

Mônica Mendes (entrevistadora): eu acho que respondeu. Quais são os recursos tecnológicos utilizado para as aulas? acho que tu já respondeu também.

P: acho que eu respondi também risos.. é a gente da aula pelo zoom aqui.

Mônica Mendes (entrevistadora): e tu chega a fazer alguma atividade, tipo tem hoje em dia o wordwall, aquelas coisas assim, tu utilizas alguma coisa assim ou não?

P: não utilizo, nem sei o que qui é o wordwall genti.. risos..

Mônica Mendes (entrevistadora): wordwall.. tu coloca na internet, tu consegue fazer de uma forma dinâmica bem visual assim, tu consegue fazer atividades que é um joguinho.. né!

P: ah.. entendi. Não, eu não conhecia. Eu tenho 24 anos mas parece que tenho 70 porque a tecnologia é um pouco complicada pra mim, eu fazia muita atividade de escrita e de muitos vídeos em Libras, muitos vídeos em Libras, assim que até o celular não tem mais espaço, foi o que eu fiz, mas joguinhos assim eu nunca fiz com eles.

Mônica Mendes (entrevistadora): tá, então vocês utilizam vídeos, que o recurso seria um celular vamos dizer assim..

P: é..

Mônica Mendes (entrevistadora): mas computador é um pouco mais complicado pra eles né?

P: é.. eu acho que dois tem computador.

Mônica Mendes (entrevistadora): tá. e tu dá aula pro nono ano também?

P: sim, sexto, sétimo e nono ano.

Mônica Mendes (entrevistadora): tá e vocês tem assim, por exemplo vocês usam o google drive, uma pasta ali para colocar os vídeos.

P: sim, tem o google drive que eu postas as atividades ali no google drive, mas eles não postam nada no google drive porquii... no começo era pra postar lá, mas aí alguns estavam com dificuldades, então a gente resolveu que eles poderiam mandar no privado no whatsapp, então os professores postam no drive e eles mandam tudo pelo whatsapp e aí a gente manda as atividades em word, aí eu mando vídeos as vezes explicando né aquela atividade melhor né, eles vão ter aula sobre aquilo né, eles vão ter aula sobre aquele conteúdo, sobre aquela atividade, mas depois que eu já mandei, então às vezes eu mando vídeo junto, da atividade, ih... eles tem que responder em português algumas vezes, algumas vezes eles tem que responder em Libras aí depende da atividade assim e aí eles mandam tudo pelo whats

Mônica Mendes (entrevistadora): tá, entendi. e me diz uma coisa, se eles tem dúvida? as aulas são semanais, são todos os dias? como é que é?

P: é eles tem aula todos os dias mas só que aí eles tem uma aula de português e como eu tenho três disciplinas eu encontro eles três vezes, mas eles têm uma aula de português na semana, uma de literatura e uma de estimulação da linguagem, uma de matemática, uma de ciências.. uma aula por semana de cada disciplina, uma hora.

Mônica Mendes (entrevistadora): tá, entendi.

P: uma hora.

Mônica Mendes (entrevistadora): e se eles tiverem dúvidas sobre aquela atividade, na próxima aula é tirado essa dúvida é isso?

P: eles podem me chamar né?!

Mônica Mendes (entrevistadora): no whatsapp! risos..

P: risos.. no whatsapp

Mônica Mendes (entrevistadora): aluno sendo aluno.. risos..

P: aluno sendo aluno, tipo meia noite não pode, mas eles chamam. risos..

Mônica Mendes (entrevistadora): risos..

P: a um dia eu estava dormindo, aí eu preciso contar, precisa cortar isso da entrevista.. risos.. eu tava dormindo, era uma hora da manhã, não sei se tu lembra da Estefani?

Mônica Mendes (entrevistadora): risos.. lembro!

P: A Estefani me ligou uma hora da manhã e eu tinha esquecido de deixar o celular no silencioso e aquilo vibrava e vibrava e eu não tava me acordando né.. daqui a pouco eu me atinei que era o meu celular e eu achei que alguém tava morrendo sei lá.. eu fui olhar o que tanto tocava.. risos... era a Stefani aí eu botei no silencioso e fui dormir né, no outro dia eu disse Stefaniiii uma hora da manhã a profe dorme, risos.. mas eles chamam qualquer hora, mas a gente tira, durante o dia a gente, eu tiro as dúvidas; se eles chamam eu tiro a dúvida na hora, claro que depois eu até trago aquela dúvida pra aula né, porque pode ser a dúvida de outros que não perguntaram.

Mônica Mendes (entrevistadora): então, quais foram os métodos ou metodologias, acho que seria mais métodos que tu utilizavas antes e que tu utilizas agora? tem alguma diferença do que tu utilizavas antes, continua utilizando a mesma estratégia?

P: Olha.. eu acho que eu continuo utilizando a..a mesma estratégia, eu.. eu acredito que não mudou muito, a única coisa é que eu explicava os conteúdos porque tinha mais aulas de português né, eram 5 aulas de português na semana, então eles tinham mais explicações do conteúdo agora eles têm um dia de explicação na semana e muita atividade então eu acho que eu faço muito mais atividade agora, antes eles não tinham tantas atividades como a que eles tem agora, antes era mais, eles tinham atividades mas era muita conversa muita explicação, aí vê se eles estavam entendendo né, eram bastantes trocas, eles adoram trocar, agora como a gente se encontra uma vez na semana né, uma hora, eles têm toda a semana para fazer o restante das atividades, então eles têm bastante, mais ou menos a mesma coisa não muda muito, não mudei muita coisa.

Mônica Mendes (entrevistadora): entre as atividades tá, práticas e metodológicas utilizadas no ensino remoto. Quais tu pretende adotar pra o atendimento presencial. Quando voltar o atendimento presencial tem alguma coisa tecnológica que tu adotou nesse período de pandemia e que tu pensa, ah não depois que passar e voltar o presencial eu vou continuar usando isso, isso pode ser útil eu vou continuar utilizando ou isso não deu certo, eu não vou utilizar?

P: Eu acho que a função dos vídeos, principalmente da arte de sinalizar, que tem tanto.. tanto vídeo assim de piada, de poesia e tem muito de literatura surda né, mais assim, infanto juvenil, adulta que eles não gostam tanto daqueles livros infantis. Então acho que trabalhar mais estas questões de vídeos, vídeos e vídeos porque eu acho também que a internet da escola vai estar melhor né, então eu acho que continuar trabalhando com estes vídeos iii, né claro fazendo as análises dos vídeos, mas mostrar estes vídeos. 'Porque antes eu mostrava mas era bem menos assim, eu trabalhava bem menos e aí eu trabalhava mais livro físico mesmo.

Mônica Mendes (entrevistadora): huhum..

P: Eu gosto de trabalhar com o livro físico mesmo acho que é importante eles lerem, quanto mais eles né, verem a palavra mais eles vão né, mentalizar aquela palavra, a ordem das palavras, mas eu acho que é importante a literatura surda então acho que estes vídeos vão continuar.

Mônica Mendes (entrevistadora): tá, uma outra coisa, a escola tem um laboratório de informática né?! não sei como anda hoje em dia, não sei nem se tem, mas a pergunta é: nem esta aqui nas perguntas mas me veio na cabeça. Se vocês utilizavam né antes da pandemia,

se utilizavam este laboratório para pesquisa no google ou para alguma coisa e se voltando ao presencial tu pretende usar mais o laboratório por conta dessa experiência? não sei...

P: Olha a gente usava mais o laboratório em dia de chuva com os alunos porque os computadores não eram todos que funcionavam, então tinham alguns que estavam funcionando, até no último ano de 2019, tinham chegado doação de mesa e cadeira então as mesas e as cadeiras do laboratório estavam.. lindas!! mas os computadores não, então quando tava chovendo e tinha pouquinhos a gente ia para o laboratório, se não a gente não ia para o laboratório, mas tinha um projeto do Ifsul, aí eu não sei, até agora como começou o remoto eu não sei o que aconteceu, não sei, que tinha um projeto da computação do ifsul que iam arrumar aqueles computadores né, então si, esses computadores foram arrumados, acho que vai ser bem legal eles irem para o laboratório porque é interessante que eles pesquisem até porque quando eles estão pesquisando, eles estão escrevendo e eles tem que ler e eu acho que isso é importante e eu acho que né, só que não sei se vai ter computador bom, mas se o projeto continuou né, os computadores devem estar bons, eu não sei, eu até vou ter que perguntar.

Mônica Mendes (entrevistadora): tu acha né, uma outra pergunta que também não estava aqui, mas agora aqui mas eu fiquei pensando, tu acha que com essa função da pandemia, das aulas remotas, eles utilizaram muito o celular, tanto para fazer atividades quanto pra produções né, tu pretende utilizar esse recurso do celular em algum momento em sala de aula, pra fazer sei lá, uma atividade diferente que eles tenham que utilizar essa tecnologia pra alguma coisa, alguma coisa assim que daqui a pouco seria viável pra ti fazer isso?

P: aí.. eu acho que sim, até porque eu acho que como eles estão com o celular, na sala de aula eles vão querer utilizar o celular né, antes nós já tínhamos altos problemas, não sei se quando tu era monitora também mas tinha muitos problemas com os celulares aí então não podia levar o celular de jeito nenhum, mas eu acho que agora vai ser meio complicado proibir de levar o celular já que eles usaram tanto tempo celular em aula então eu acho que é bom a gente pensar em atividades que eles usem o celular, não pra que eles fiquem lá mexendo, vendo o whatsapp né, o facebook, o tiktok mas trazer atividades que eles usem o celular e que eles fiquem assim; aí to usando o celular, porque eu acho que assim, eu acho que eles se tranquilizam quando estão usando o celular né, então eu acho que a gente tem que aproveitar esses recursos.

Mônica Mendes (entrevistadora): aproveitar que eles estão afinados assim né!

P: é..

Mônica Mendes (entrevistadora): com essas coisas tecnológicas. Então na tua opinião tu acredita que houve um aprendizado eficaz nesse momento da pandemia?

P: aí.. eu acho que depende do aluno e da família do aluno. porque tem alunos assim.. tem alunas meninas, deu acaso de ser todas meninas né, mas não sei, a família tá junto sabe, a família sabe Libras, a família apoia. Não é a família que faz, sabe quando tu sabe que não é a família que tá fazendo.. porque lá na aula do zoom o aluno, a aluna sabe, e.. então, e tá escrevendo bem, então eu acho que foi bom para aqueles alunos que tinham uma família engajada no ensino do filho, que o aluno queria de fato aprender, sabe que tava ali perguntando, tirando dúvida, eu acho que ali foi bom eu acho que ali teve um crescimento ótimo, mas teve alguns que perderam muitos sinais porque a família não sinaliza, nem pai, nem irmão, nem tio, nem ninguém então eu acho que eles perderam muitos os sinais e às vezes na aula tu tá tentando explicar e aí eles já não conhecem mais aquele sinal e como aconteceu isso de perderem sinais assim oh, muito.. ah.. não fazia atividade ou o pai e a mãe responder a atividade e ainda mandar errado e às vezes o aluno até sabia me responder na aula mas lá no caderno estava errado né porque aí tu conhecia a letra e aí tu já via que a letra não era a dele então depende assim de cada situação. Teve pra alguns alunos foi ótimo assim, foi muito bom, a família estava junto assim aprenderam bastante mas pra alguns que a família não tava junto e que o aluno estava ali sozinho e não tinha ninguém para se comunicar foi complicado. Eu acho que teve estes dois lados, assim.

Mônica Mendes (entrevistadora): é eu ia te perguntar, a outra pergunta tinha relação com isso né, a pandemia prejudicou o desenvolvimento da língua dos surdos e por consequência o aprendizado? acho que tu já me respondeu né!

P: Eu acho que sim, alguns claro não todos, mas aqueles que a família não se comunica eu acho que teve uma perda muito grande e eu acho que eles estão também muito pra baixo sabe, tem uma aluna que se encerra dentro do quarto, fica no escuro o dia inteiro né.. e porque isso? porque ninguém em casa... sabe nada, nada, nada nenhum sinal, nem oi, nada; então eu acho que é muito difícil. Então eles vem pra aula do zoom e tu tá ali sinalizando e aí às vezes tu não consegue explicar e aí o outro aluno lá se irrita, peraí deixa que eu explico e aí ele não consegue chegar, e aí é complicado e é claro que tem alunos que assim huhul que foram andaram, evoluíram. Só que outros não.

Mônica Mendes (entrevistadora): e tu acha que mesmo com essa função remota com aulas com o celular que eles não se utilizaram destas tecnologias para se comunicar entre si?

P: não, tu sabe que os mais velhos ali, oitavo ano, nono ano, eles já são maiores, então eles já são com aquela amizade muito fortalecida eu penso e os pais também já estão mais liberais, então eu acho que eles tem muito, muito, muito contato. Eles fazem chamadas de vídeo de madrugada e eles jogam juntos e eles fazem coisas juntos mas ali os mais novos, sexto e sétimo eu não sei se eles não tem o celular liberado o tempo inteiro como é que é a função, mas eles não têm contato porque às vezes eu pergunto: tá e fulano não veio na aula hoje? e eles respondem: ah, eu não sei nunca falo com fulano, tá mas e assim, como assim vocês nunca se falam. Eu acho que eles não têm contato entre eles, acho que por isso que tem tanta perda linguística assim. Porque eles não têm contato.

Mônica Mendes (entrevistadora): Então eu acho que um dos maiores problemas assim foi esta perda linguística, né.

P: é

Mônica Mendes (entrevistadora): que mesmo com todas essas ferramentas que a pandemia, não que surgiram, muitas já tinham mas que a gente não tinha o hábito de utilizar e eu pensei que eles utilizariam mais estas ferramentas pra se comunicar na pandemia, mas claro, os menores tem razão mesmo.. os pais..

P: é os maiores sim né eles falam, eles passam o tempo todo, todo mundo sabe da vida de todo mundo porque eles estão sempre conversando, aí eles contam fofoca da vida dos outros é ótimo.. risos.. é mas os menores, ééé.. dói, deixa eu ver o fone, ah esta aqui, mas os menores assim.. eles não.. eu não sei como é que é os menores, menores ainda, mas sexto, sétimo ali é.. é.. mais complicado.

Mônica Mendes (entrevistadora): nono ano tu já.. já não vê tanto esta perda linguística.

P: Não, não vejo nada de perda no nono ano, no nono ano acho que fica assim oh, cada vez melhor.

Mônica Mendes (entrevistadora): o nono ano quantos alunos são?

P: oito ou nove, aí peraí..

Mônica Mendes (entrevistadora): turma grande

P: é oito alunos, é oito

Mônica Mendes (entrevistadora): bastante alunos

P: e é uma turma muito boa, eu disse oiaaa vou rodar todo mundo.. risos..

Mônica Mendes (entrevistadora): risos... é a professora de português sempre é a malvada dos surdos.. risos..

P: risos.. éééé.. mas eles me escolheram paraninfa, então acho que não fui tão ruim assim

Mônica Mendes (entrevistadora): mas tu sabe que esta exigência no começo incomoda e depois eles gostam porque eles sabem que estão aprendendo, eles sabem.

P: é verdade, porque eu acho que quando é muito leve.. ah é uma aula, ah isso aqui é muito fácil, eles não dão bola, só que eles tem que se empenhar eles tem que se empenhar pra conseguir, acho que isso é bom, acho que eles precisam de desafio, às vezes falta desafio e eles.. esse ano eles tiveram que ler um livro gigante que eu dei pra eles o livro de Anne Frank que eu dei no terceiro trimestre, quando eu dei pra eles, eles queriam me matar mas aí no final já que todo mundo sabia tudo sobre Anne Frank eles tinham entendido tudo, sabe foi

muito legal, mas no começo foi tenso, eu pensei o que que eu fui fazer, né eu pensei vou me atirar.. acho que não vai dar certo, mas deu.

Mônica Mendes (entrevistadora): o nono ano deve adorar estas aulas do zoom né porque é um encontro semanal, nossaa.

P: é.. sim e o bom sabe.. aí a gente nota a diferença ali do sexto e nono, não é comparação é só um comentário. No sexto ano aí tu entra no zoom dá um oi e aí tu tenta conversar e dizer e aí? como ta a vida? nananan.. e tá vamo pra aula, não deu assunto. Lá no nono ano todo mundo quer falar né aí quer contar o que aconteceu quer mostrar o gato, o cachorro.

Mônica Mendes (entrevistadora): e aí tu tem que dizer, aiiii vamos voltar pra aula risos.

P: é.. foco povo!! é muito diferente .. Muito.

Mônica Mendes (entrevistadora): Então tá Sabrina era isso, vou me despedir de ti para terminarmos a reunião, mas não vai embora que eu quero falar contigo.

P: está bem, então tá. Se precisar de novo pode me chamar.